



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

NEZILU GONÇALVES DOS SANTOS

**ARTE DEVOCIONAL EM ORATORIOS NO RIO CAMPOMPEMA - ILHAS DE
ABAETETUBA.**

ABAETETUBA-PA
2018

NEZILU GONÇALVES DOS SANTOS

**ARTE DEVOCIONAL EM ORATORIOS NO RIO CAMPOMPEMA - ILHAS DE
ABAETETUBA.**

Trabalho apresentado à Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Naturais.

Orientador: Prof. Dr. Jones da Silva Gomes

ABAETETUBA/PA
2018

NEZILU GONÇALVES DOS SANTOS

**ARTE DEVOCIONAL EM ORATORIOS NO RIO CAMPOMPEMA - ILHAS DE
ABAETETUBA.**

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo Prof. Dr. Jones da Silva Gomes, apresentado ao curso de Educação do Campo com ênfase em Ciências Naturais da Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para a obtenção de grau de graduação em Ciências Naturais.

DATA DE APROVAÇÃO: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jones da Silva Gomes (Orientador)
Doutor em Ciências Sociais
(Universidade Federal do Pará / UFPA)

Prof. Dr^a. Deusa Maria de Sousa (Examinadora Interna)
Doutora em Historia Cultural
(Universidade Federal do Pará / UFPA)

Prof. Me. Rosiane Moraes Peixoto (Examinadora externa)
Mestra em Educação e Cultura
(Universidade Federal do Pará / UFPA)

Em primeiro lugar dedico este trabalho a Deus que me concedeu vida, saúde e forças para concluir esta graduação. A meus pais, esposo, irmãos, avós, cunhadas (os), sogra (o), sobrinhos, tios (as), amigos, primos, a minha comunidade São Sebastião e aos movimentos sociais que foram os protagonistas para realização desse sonho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por me conceder a oportunidade de poder cursar uma graduação;
Aos representantes dos Movimentos Sociais que lutaram para que esse curso se tornasse realidade na vida dos ribeirinhos;

À minha mãe Maria Joana da Silva Gonçalves que sempre me apoiou em meus estudos e escolhas.

Aos meus irmãos, em especial a Nizete que cuidou da minha filha durante esses quatro anos que passei na graduação;

Aos meus cunhados (as), sogra (o), primos, tios e amigos que sempre me ajudaram de forma direta e indireta;

A minha avó Antonieta que é minha segunda mãe e sempre me atendeu quando tinha pesquisa de campo para fazer;

Ao meu esposo, Antonio Grazianne pela compreensão, incentivo e companhia;

A minha filha Penélope Sophia que já entende que a mamãe tem que estudar;

As minhas tias Maria de Lurdes e Marinete, as quais Deus precisou tão cedo, por terem me acolhido em seu lar e me criado como se fossem sua filha, saudades eternas.

Aos meus amigos Erika, Fernanda, Keila, Max e Edésio que sempre estiveram ao meu lado durante esses quatro anos de estudo;

A todos os meus colegas de turma que se tornaram minha segunda família onde aprendi muito com eles durante esses anos;

Ao meu orientador Dr. Jones da Silva Gomes, pelo ensinamento, paciência e disponibilidade em estar sempre pronto a me ajudar;

A todos os professores do Curso de Educação do Campo pela contribuição em minha trajetória acadêmica;

Ao senhor Benedito, seu Antônio e ao Zeca por terem me concedido entrevista-los;

Ao Lucio filho de seu Benedito por fazer a ponte entre seu pai, seu irmão Zeca e eu;

A minha colega Maria Cristina por ter me apresentado ao seu avô Antônio e por sempre tirar minhas dúvidas em relação ao festejo do santo organizado pelo seu avô;

E aos demais amigos que contribuíram nesse processo de formação.

RESUMO

Este trabalho se propõe em refletir algumas relações entre arte devocional e o catolicismo popular por meio dos oratórios domésticos, que tem como objetivo compreender a devoção aos santos a partir dos oratórios localizado nas casas de dois ribeirinhos do Rio Campompema - ilhas do município de Abaetetuba. Sabemos que como prática devocional, os oratórios são espaços destinados ao culto aos santos, exigindo de seus responsáveis certo cuidado de preservação que perpassa de geração para geração, nesse sentido identificamos tratar-se de uma arte atrelada à devoção. Por meio do estudo pretende-se também identificar a questão no que se refere imagem e imaginário se estão estritamente presentes no cotidiano das pessoas que possuem oratórios em sua residência, assim como entender a arte de fazer por meio do festejo do padroeiro que é uma das formas pela qual os devotos mantem sua relação pessoal e comunitária com o santo, identificando se o sagrado e o profano andam juntos no período da mesma. Contudo apesar do número de oratórios existentes nas ilhas de Abaetetuba ser menor do que outrora, percebe-se que ainda há todo um cuidado, respeito e devoção com os existentes. Os oratórios fazem parte do cotidiano do cuidador de santo e de seus familiares, que pretendem dá continuidade a essa cultura perpassando de geração para geração.

Palavras chaves: Catolicismo popular. Culto aos santos. Festejo.

ABSTRACT

This work intends to reflect some relationships between devotional art and popular Catholicism through the domestic oratories, whose objective is to understand the devotion to the saints from the oratories located in the houses of two riverside of Campompema River - islands of the municipality of Abaetetuba. We know that as oratories practice devotional oratories are spaces destined to the cult of the saints, demanding from their caregivers certain care of preservation that runs from generation to generation, in this sense we identify that it is an art linked to devotion. Through the study is also intended to identify the question as regards image and imaginary if they are strictly present in the daily lives of people who have oratories in their residence, as well as understand the art of doing through the patron's feast which is one of the ways through which the devotees maintain their personal and communal relationship with the saint, identifying whether the sacred and the profane go together in the same period. However, although the number of oratories on the islands of Abaetetuba is smaller than before, it is clear that there is still a lot of care, respect and devotion to the existing ones. The oratorios are part of the daily life of the caretaker of santo and his relatives, who intend to continue this culture passing from generation to generation.

Key words: Popular Catholicism. Worship of the saints. Celebration.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Oratório portátil com função de altar que pertenceu ao português, Conde Belmonte, século XIX.....	18
Figura 2 - Oratório sem pedra d'ara.....	19
Figura 3 - Oratório armário com função de altar, séc. XVIII.....	20
Figura 4 - Detalhes da cavidade onde se coloca a pedra d'ara.....	20
Figura 5 - Localização do rio Campompema.....	22
Figura 6 - Oratório da casa do senhor Bendito.....	24
Figura 7 - Centro Comunitário São Benedito.....	28
Figura 8 - Oratório da casa do seu Antônio.....	35
Figura 9 - Oratório do barracão, onde ocorre o festejo de São João Batista.....	36
Figura 10 - Ramada do barracão São João Batista.....	39
Figura 11 - Seu Antônio sentado ao lado de São João Batista durante o círio fluvial.....	40
Figura 12 - Devotos no círio fluvial acompanhados da bandinha do senhor Mário.....	40
Figura 13 - Mastro de São João Batista.....	41
Figura 14 - Seu Antônio fechando a Capela.....	45
Figura 15 - Capela fechada.....	45
Figura 16 - Retirada do mastro.....	48
Figura 17 - Seu Antônio com a bandeira do Santo na entrada do barracão.....	48
Figura 18 - Foliões dançando com a ramada.....	48
Figura 19 - Entrevista com o senhor Zeca.....	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO 1- RELIGIOSIDADE E ORATÓRIOS NO BRASIL	15
CAPITULO 2 - FESTA DE S. BENEDITO E DE S. JOÃO BATISTA NO RIO CAMPOMPEMA	22
2.1.1 Falando um pouco da localidade.....	22
2.1.2 Oratório do senhor Benedito.....	23
2.1.3 Como o santo foi adquirido?.....	25
2.1.4 Festejo de S. Benedito.....	26
2.2.1 Festejo de São João Batista.....	34
2.2.2 Primeiro dia de festa (dia 13/06).....	39
2.2.3 As novenas.....	45
2.2.4 Dia da festa de São João Batista.....	46
CAPITULO 3 - O RESTAURO DE SANTOS E SUA IMPORTÂNCIA PARA A CONTINUIDADE DA ARTE DEVOCIONAL EM ORATÓRIOS NAS REGIÕES DAS ILHAS DE ABAETETUBA	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
ANEXO A - Imagens de santo Antônio protetor da casa de minha avó.....	57
ANEXO B - Termo de cessão de imagem.....	58
ANEXO C - Questionário usado com os dois donos de santo e com o restaurador de imagens religiosas.....	63
ANEXO D - Ladainha que era cantada antigamente no festejo de São João Batista.....	67
ANEXO E - Algumas fotos registradas no dia 13/06/2018 no inicio da festividade de São João Batistas, mas não inseridas no corpo deste trabalho.....	71
REFERENCIAS	74

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende fazer um reconhecimento das artes devocionais atreladas ao catolicismo popular, em especial os oratórios de santos encontrados nas casas de dois ribeirinhos no rio Campompema – Ilhas de Abaetetuba. O estudo se deu por meio de um projeto de pesquisa intitulado “arte, imagem ética e sociedade”. Por meio do projeto, realizamos a primeira pesquisa de campo no dia 14 (quatorze) de janeiro de 2016, na comunidade católica Nossa Senhora do Livramento do rio Baixo Jarumã – Município de Abaetetuba, onde entrevistamos vários cuidadores de santos que possuem e fazem uso do oratório doméstico em sua residência. O que chama a atenção nessas moradias não são apenas os santos encontrados no interior dos oratórios, mas também os inúmeros quadros e cartazes de santos fixados nas paredes, o que dar um ar de tranquilidade e segurança ao ambiente.

As motivações para o desenvolvimento do presente trabalho vieram de dois véis: da vivência no campo, onde nasci e me criei às margens ribeirinhas, convivendo com o povo da comunidade católico São Sebastião do rio Alto Ajuai¹ município de Abaetetuba e da vida acadêmica atrelada ao campo de pesquisa citado anteriormente, que está articulado ao curso de Educação do Campo, o qual tem como meta, formar profissionais para atuarem nas escolas do campo. Foi a partir do projeto e da pesquisa de exploratória realizada na data citada a cima que comecei minha aproximação com os elementos do sagrado. Entretanto quando adolescente me recordo que minha avó tinha um pequeno oratório como os quais vi nas casas que visitamos no rio Baixo Jarumã. Ele ficava no canto direito da sala para quem adentrava a casa, e no interior do mesmo havia algumas imagens como: o menino Jesus deitado na manjedoura e santo Antônio (**vide anexo A**) que ocupava um “lugar de honra, o centro do altar” (GALVÃO, 1954). O santo Antônio, considerado o protetor da casa, tem mais de um século na família de minha avó, ele era dos avos paternos dela, que já o veneravam antes mesmo de seu pai nascer. Após o falecimento de seus avós o santo ficou sob a reponsabilidade de seu pai, e posteriormente com passagem do mesmo para o mundo celeste, o santo ficou nos cuidados de minha avó onde esta até os dias de hoje. Não sei por que, mas quando sumia algum xerimbabo da dela, ela amarrava umas pencas de vassoura de açai na mão do santo e o colocava de cara com a parede, segundo ela, essa tradição é desde a época de seus avós, e ela falava que enquanto os animais dela não voltassem para casa ele iria ficar de castigo, e quando eles não retornavam ela retirava as pencas de vassoura do santo e lhe repreendia dando lhe algumas chicotadas nas costas. Isso poucas vezes acontecia porque na

¹ Onde nasci e morei até o ano de 2008 quando concluir o ensino médio, no ano seguinte me mudei para a cidade de Abaetetuba, onde moro até hoje, para fazer cursinho e prestar vestibular.

maioria das ocasiões os animais sempre voltavam. De certa forma essas lembranças foram retomadas na minha memória por meio do imaginário, onde segundo Laplantine e Trindade (2003) “O imaginário faz parte da representação como tradução mental de uma realidade exterior percebida [...]” que teve como ponto de partida a pesquisa de campo. Quando me deparei com aqueles oratórios encontrados nas casas dos ribeirinhos durante a pesquisa de campo, vieram-me na mente todas aquelas cenas da minha avó com santo Antônio, como ela cuidava dele, a forma como ela conversava com ele etc, de repente voltei ao passado, foi como se estivesse vivendo todos esses momentos novamente.

Por outro lado, além de aspecto identitário penso que o tema esteja articulado com o Curso de Educação do Campo à medida que tenta compreender um fenômeno religioso devocional no mundo rural da Amazônia Tocantina, especialmente nas ilhas do município de Abaetetuba, que apesar do catolicismo popular não ser tão representativo como outrora, isso ainda é muito comum no mundo rural da Amazônia. Especificamente, quando o projeto identificou nas ilhas e ramais do município de Abaetetuba um número mediano de famílias onde ainda se fazem uso dos oratórios domésticos que em sua grande maioria são encontrados nas salas das casas dos ribeirinhos em um cantinho especial.

É importante ressaltar que um dos fatores que contribuíram para o surgimento dos oratórios na região ribeirinha do Baixo Tocantins foi o modelo de religiosidade introduzida pelos Jesuítas e outros missionários no início da colonização e evangelização da região do Grão-Pará. Essa religiosidade era baseada na devoção aos santos, que ainda tiveram que se adequar as crenças dos nativos e negros que vieram escravizados da África. Todo este hibridismo de crenças resultou em um rico sincretismo religioso que até hoje faz parte da identidade do povo ribeirinho.

Esse modelo de religiosidade implementada pelos missionários foi predominante até o Século XX. Com a realização do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica buscou se adequar aos tempos modernos, porém isso gerou certo conflito com o antigo modelo de igreja que predominou por séculos, onde em cada casa existia os oratórios repletos de santos, que tinha como consequência as festas religiosas que acontecia no estilo da mistura do religioso com o profano, tal como demonstram os estudos de Galvão (1955).

Propomo-nos então a fazer uma reflexão sobre o imaginário que conforme Laplantine e Trindade (2003), “o imaginário, [...], é a faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de apresentação de uma coisa, ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção”. Utilizo-me do imaginário porque quando se discute o

oratório o centro do debate é as imagens por meio do qual discutiremos as relações entre arte e sociedade. Conforme Laplantine e Trindade (2003) “Imagens são construções baseadas nas informações obtidas pelas experiências visuais anteriores. Nós produzimos imagens porque as informações envolvidas em nosso pensamento são sempre de natureza perceptiva”, ou seja, para que o devoto guarde em sua memória a imagem do santo é necessário que ele tenha um contato visual com o mesmo. Ainda segundo Laplantine e Trindade (2003) “imagens não são coisas concretas, mas são criadas como parte do ato de pensar”, pois não se pode falar em oratórios domésticos sem pensar e imaginar as diversas imagens existentes no interior do mesmo e seus significados. E todo momento os devotos se utilizam do imaginário para manter uma relação pessoal com o sagrado por meio das imagens dos santos, que são seus intercessores. Por exemplo, muitos devotos não possuem a imagem do santo pelo qual tem devoção, entretanto quando estão em seu momento íntimo com o divino, eles se utilizam do imaginário para conversar com o santo protetor, logo, eles conseguem ver o santo por meio do imaginário.

Atualmente o imaginário popular na Amazônia pode ser observado em várias formas: na oralidade, no artesanato, na relação com a natureza (as ervas que as benzedadeiras utilizam), as crendices, na pesca, bem como nas artes devocionais (ladainhas, festejos, procissões etc), mas entre elas destacamos a presença dos oratórios domésticos encontrados nas margens dos rios da Cidade de Abaetetuba especialmente no rio Campompema. É importante destacar que entre todas essas tradições citadas anteriormente que antes estavam muito mais ligadas, ou seja, andavam sempre juntas, o oratório foi o que permaneceu mais, ele vem resistindo até os dias de hoje, porque se utiliza de uma relação mais direta, pessoal e íntima com o devoto o qual usa o imaginário para o contato com o santo protetor.

Vale ressaltar que no final do século XIX não existia meios de comunicação como, TV e rádio, os quais nos dias atuais são normalmente encontrados na sala das residências, considerado o cômodo principal da casa, pois é ali que as pessoas recebem visitas, se reúnem para conversar e principalmente para assistir TV. Da mesma forma os oratórios naquela época é que organizava o espaço da casa, eles eram sempre encontrados na sala em um cantinho especial dedicado às orações. O oratório era algo muito forte que chamava atenção, como afirma Russo (2010) “[...] chama-se a atenção para a relevância das imagens sagradas, dispostas sob o teto das residências, como referência espacial de uma piedade de aspecto familiar, fundamentada nas práticas de oração, agradecimento e súplica”. Ainda segundo este autor, “[...] o oratório [...] e o local estrategicamente para ele reservado, particularmente nas

moradias rurais, dispõe condições para um espaço de encontro entre o senhor e seus parentes consanguíneos [...]” (RUSSO, 2010, p. 65).

É fato que nos dias atuais deixou de se agregar outros movimentos por meio do oratório, como o festejo, procissões etc, por isso ele vem perdendo esse laço mais amplo com a comunidade. O oratório segundo Galvão (1954) é o meio pelo qual “[...] O indivíduo pede ao santo pela cura de uma doença que o aflige ou a alguém da família, por uma boa colheita, etc, prometendo-lhe uma novena, [...]”. Dessa maneira o catolicismo popular está atrelado ao imaginário religioso ligado ao cristianismo.

Segundo Frange (2006), o uso de oratórios nas famílias surge a partir do desejo de se guardar as relíquias e os objetos de piedade. Neste sentido o imaginário ligado ao catolicismo pode ser compreendido por meio do uso de oratórios que segundo Russo (2010), vem de uma longa tradição da Europa Medieval, é destinado ao culto e orações ao sagrado. Essa prática devocional normalmente é repassada de geração para geração ou adquirida por vontade própria. Tanto é que algumas famílias das Ilhas de Abaetetuba fazem uso desse tipo de devoção a mais de cem anos. A religiosidade é demonstrada por meio do cuidado com o oratório, ou seja, a presença da estética é perceptiva como revela Frange (2006), há uma preocupação por parte dos devotos em preparar um cantinho na casa para por as imagens de santos. Em todas as famílias visitadas no rio Baixo Jarumã como mencionado no início desta introdução, há a presença de mais de um santo, porém apenas um (a) é considerado o padroeiro (a) da casa, o qual ocupa um lugar de destaque no interior do oratório (GALVÃO, 1954).

O oratório não é apenas uma forma de unidade com o divino, mas também um meio de reunir a família e moradores da localidade para fazerem uso de rituais devocionais como: novenas, ladainhas, festejos de santos, autos entre outros, ou seja, existe a devoção pessoal, mas também existe o momento social ou comunitário. Logo, por meio deste estudo pretende-se investigar as relações entre Arte e Devoção. Entender como essas imagens de santos por meio dos oratórios continuam tendo um lugar na vida dos devotos. Verificar porque eles ainda fazem questão de manter esta prática devocional? Porque da escolha do santo? Porque da devoção? Como o padroeiro (a) da casa passou a fazer parte da família do devoto/a?

O objeto de estudo foi o Rio Campompema onde entrevistei cinco moradores: dois devotos cuidadores de santos que foram: o Sr. Benedito Lucio da Silva conhecido como Pistola e o Sr. Antônio dos Santos que fazem uso do oratório doméstico, os quais mantem essa tradição há décadas. Além do Sr. José Maria da Silva, mas conhecido como Zeca que é filho do seu Benedito, o qual exerce a profissão de artesão de miriti e restaurador de imagens

religiosas há vários anos, a Maria Cristina dos S. Cardoso, neta do seu Antônio responsável-todos os anos pela ornamentação do oratório de São João Batista e o Sr. Manuel dos Santos Azevedo Filho, tesoureiro do MORIPA² para coletar os dados referentes à população da localidade e suas principais atividades econômicas. Todos os entrevistados assinaram o termo de cessão de imagem, **ver anexo B**.

Neste sentido a pesquisa tem como objetivo geral compreender a devoção aos santos a partir dos oratórios localizados nas casas de dois ribeirinhos do rio Campompema - Município de Abaetetuba. Para isso inicialmente na pesquisa exploratória fizemos um mapeamento dos oratórios existentes na localidade de estudo, onde identificamos mais de dez, mas escolhemos apenas os dois para acompanhar mais de perto, investigamos a partir da entrevista e do testemunho dos dois cuidadores de santo a importância da imagem dos santos na vida dos devotos. Entrevistamos também o restaurador de imagens utilizando-se de aplicação de questionário semiestruturado aberto e fechado os quais se encontram em **anexo C**, utilizamos também registros fotográficos e análise das dimensões estéticas e éticas desta forma de devoção.

Para a realização deste trabalho foi feita pesquisa bibliográfica sobre alguns autores que fazem estudo dos oratórios como: LAPLANTINE (2003), que me ajudou a compreender melhor sobre o imaginário, FRANGE (2006), que faz uma abordagem sobre os oratórios do museu de Minas, RUSSO (2010), que em sua tese mostra a construção histórica do acervo de oratórios brasileiro no século XVIII e XIX e outros que irei abordar no decorrer do trabalho.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa³ que teve como foco a vivência dos ribeirinhos em torno do oratório doméstico. Neste aspecto o trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro fará um breve histórico sobre a religiosidade e oratórios no Brasil, ou seja, como era realizada a devoção ao sagrado por meio do oratório doméstico. O segundo irá retratar sobre a festa de São Benedito no rio Campompema, organizada pela família do seu Pistola, que mantém essa tradição há mais de cem anos e o Festejo de São João Batista sob a responsabilidade da família do senhor Antônio. E o terceiro e último capítulo ressalta a importância da arte de restauro exercida pelo senhor Zeca que também é artesão de miriti, na vida dos devotos das ilhas de Abaetetuba e sua importância para a continuidade da arte devocional em oratórios nesta região. Desta forma teremos um estudo sobre a relação dos

² Movimento dos ribeirinhos das Ilhas dos PAES (projeto de assentamento agroextrativista) de Abaetetuba

³ “Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo”. GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. © 1995, Revista de Administração de Empresas / EAESP / FGV, São Paulo, Brasil, cit., p.58.

ribeirinhos com o sagrado e resposta para algumas perguntas como as que se encontram na justificativa.

Contudo, por meio do estudo identificamos um número considerável de oratórios domésticos no rio Campompema. Constatamos que se trata de um processo cultural que perpassa de geração para geração onde as pessoas desenvolvem certa afetividade por este espaço que os mantem em contato com o sagrado. Este espaço também é o meio pelo qual as pessoas têm seus momentos de sociabilidade, ou seja, onde ocorrem os encontros e reencontros dos devotos para agradecer, fazer promessas e celebrar em honra ao santo protetor.

CAPÍTULO 1- RELIGIOSIDADE E ORATÓRIOS NO BRASIL

Neste capítulo apresentam-se algumas considerações sobre o oratório doméstico no Brasil e sua definição histórica. Mas antes de adentrarmos no assunto proposto, faz-se necessário entendermos o conceito de catolicismo popular que segundo Souza (2013) “[...] é uma expressão cultural, além de religiosa, e muda de forma e de posição a partir das transformações ocorridas no contexto cultural mais amplo do qual faz parte. É dinâmico e é historicamente constituído [...]”. Mas afinal quem são os praticantes desta religião que é tão conhecida e exercida nas ilhas de Abaetetuba?

Os praticantes do catolicismo popular são o conjunto de fiéis que exercem seus cultos à margem da Igreja ou com uma margem de autonomia maior ou menor em relação à instituição. Seus costumes e práticas são de caráter tradicional, sendo transmitidos de uma geração para outra e com eventuais alterações [...], e seus praticantes se situam, majoritariamente, entre os setores mais pobres e menos escolarizados da população, possuindo, ainda, profunda ressonância no meio rural [...]. (SOUZA, 2013, p.5)

Nesse contexto, o catolicismo popular está ligado ao oratório doméstico que é uma prática devocional exercida há muitos séculos. Atualmente quem possui oratórios em suas residências na Amazônia Tocantina, realiza o festejo do santo por conta própria, ou seja, não tem nenhum vínculo com a paróquia⁴.

O catolicismo surge no Brasil a partir da chegada dos portugueses, o qual inicialmente se apresenta de duas formas: segundo Azzi (1977) citado por Tavares (2013) “A primeira é o catolicismo da elite portuguesa, detentora do poder monetário e político na colônia”, este foi marcado pelo regime de padroado, ou seja, foi um trato feito entre a Igreja Católica e Portugal, onde quem nomeava os bispos e padres para ocuparem os cargos eclesiásticos eram os imperadores, em troca, o governo “sustentava economicamente, o clero, as ordens

⁴ Divisão territorial de uma diocese sobre a qual tem jurisdição ordinária um sacerdote, o pároco (FERREIRA, 2009. p. 1497).

religiosas e os conventos”. Logo, a igreja era dependente do governo, ela não podia mais tomar decisões.

Já a segunda forma, conhecida como “catolicismo popular tradicional”, também chegou ao país por meio dos portugueses de classe baixa, os quais se estabeleceram especialmente “nas zonas rurais”. Esse tipo de catolicismo ficou “marcado pela sua porosidade”, ou seja, pela relação entre diferentes povos, como: “os colonos pobre, os índios destribalizados, os ex-escravos e todos os tipos de mestiços”. Com o passar do tempo, essa forma de catolicismo se tornou a mais comum no Brasil. (TAVARES, 2013, p. 36).

Segundo Russo (2010), nunca “houve um plano pastoral para os negros”, esses seriam catequisados no “âmbito da família patriarcal escravocratas”, por meio de oratórios domésticos, “em que o oratório com função de altar e o local estrategicamente para ele reservado, particularmente nas moradias rurais, dispões de condições para um espaço de encontro entre o senhor e seus parentes consanguíneos, agregados e grupos de escravos”. (RUSSO, 2010, p. 65). Portanto, os escravos não frequentavam igreja, eles usavam o oratório para o encontro com o divino.

Ainda segundo esse autor, “[...] o culto era o vínculo unificador de toda e qualquer sociedade, e o altar doméstico, aquele que agrupava a sua volta os membros da família que cumpriam o ato religioso; [...] toda casa de grego ou de romano possuía altar [...]” (RUSSO, 2010). A família se reunia em torno do oratório doméstico para “conversar com os pequenos santos” (FILHO, 2011) fazendo assim, suas orações, preces e agradecimentos aos mesmos.

Porém, para um melhor entendimento, faz-se necessário entendermos o que são santos.

A concepção a respeito dos santos é a de pessoas que viveram neste mundo e, por processos diversos, se santificaram após a morte. Está presente a ideia de pessoas que, durante a vida, praticaram o bem, mas nem sempre este aspecto é decisivo ou fundamental. A ideia de santificação está relacionada ainda com o sofrimento ou a morte violenta, assim como com a conservação do corpo sem corrupção por longos anos após a morte [...] encontrados nos cemitérios, quando os sepulcros são reabertos, por alguma razão [...]. (MAUÉS, 2005, p. 261).

Portanto, santos são pessoas que viveram entre nós e que praticaram o bem durante sua vida terrena, sendo humildes, caridosos etc, mas também está relacionada com a forma de morte por meio do martírio e violência. Por exemplo: “em Campinas (estado de São Paulo) há um culto com rezas e orações católicas em torno do túmulo de Jandira, uma prostituta assassinada nesta cidade. Como santa, ela redime os pecadores e revela o martírio das vítimas da violência social” (LAPLANTINE E TRINDADE, 2003, p. 41).

Desta forma, os santos encontrados no interior dos oratórios domésticos, são pessoas que conviveram com a humanidade e que conhecem a realidade do povo, assim eles se tornam nossos intercessores com mundo celestial. Segundo Oliveira (2008), citado por Filho (2011)

[...] sempre acreditou na existência de elementos incumbidos de realizar o intercâmbio entre o mundo composto pelas coisas materiais, e o outro mundo, o não material, composto pelas coisas relacionadas com o espiritual. Essa ligação sempre aconteceu pela intercessão dos santos, com sua função dialética que separa e une. Ao mesmo tempo em que estão em uma dimensão superior frente aos homens, eles os acolhem e os aproximam do sagrado e de um Ser superior ao qual estão ligados. Mas as imagens também, de certa forma, incumbem-se dessas tarefas. (FILHO, 2011, p.7-8) colocar apenas a ref, de Oliveira

E quando falamos em oratórios, o imaginário, que segundo Laplantine e Trindade (2003) “[...] é a faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de apresentação de uma coisa; ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção”, nos leva a pensar quais imagens ocupavam esses oratórios no século XVIII e XIX. Neste contexto, “Corona e Lemos, em seu Dicionário da Arquitetura Brasileira”, citado por Russo (2010, p. 55), os oratórios são “compartimento onde eram guardadas imagens sacras e onde se rezava, inclusive a santa missa”. Dessa forma conforme Frange (2006) “O valor imaginário está em todos os oratórios, sejam os de um acervo, sejam os inventados [...]”

“Nos primeiros tempos do Cristianismo o traço principal do altar cristão é o de mesa sobre a qual se celebra a Eucaristia e sobre a qual o Senhor torna presente o seu sacrifício da cruz e se oferece como alimento ao povo dos crentes” (RUSSO, 2010, p. 38). Este tipo de altar segundo Roque (2004) citado por Russo (2010)

[...] possibilitava aos convidados se reclinarem em redor, enquanto a mesa sobre a qual se processava o ritual eucarístico era igualmente um móvel doméstico, mas de menos dimensões, ou altar portátil, transportado para o centro da celebração e convertido em altar apenas nessa ocasião específica. (RUSSO, 2010, p. 38 apud ROQUE, 2004, p. 25). Tirar apud e procurar ref de Roque

Logo, altar portátil “[...] se conta somente da mesa ou ‘ara’⁵ consagrada, com independência de toda a base, e que, por conseguinte, pode deslocar-se de um lugar a outro sem que perca sua consagração [...]”. Nesta perspectiva “o privilégio de altar portátil consiste em poder celebrar sobre uma ara ou altar portátil em lugar não sagrado; por conseguinte, em virtude desse privilégio se pode celebrar em oratório privado” (RUSSO, 2010, p. 43).

No século XVIII e XIX “a religião se manifestava primordialmente em casa, onde cada qual possuía o seu deus, e cada deus não protegia mais do que uma família nem mais do

5 “[...] No centro do altar há uma pequena cavidade, onde se coloca uma pedra, comumente de mármore, denominada Pedra d'ara, que encerra dentro de si relíquias de santos mártires, recordando o costume primitivo cristão de celebrar o Santo Sacrifício sobre o túmulo dos mártires e suas preciosas relíquias. Durante a Missa, o cálice e a Hóstia devem pousar sobre a pedra d'ara [...]”. Conceito de pedra d'ara. Disponível em: <<https://www.amandala.com.br/PEDRA-DARA/prod-3498238/>>. Acesso em: 23 out, 2017.

que uma só casa. A todos esses deuses (fogo, lares, maltes) chamavam-lhes deuses domésticos”. (RUSSO, 2010, p. 40).

O altar cristão possui duas funcionalidades “uma, de caráter material, como lugar em que se realiza o sacrifício e outra, de caráter espiritual, como lugar que assinala a presença divina entre os homens e se realiza a comunicação entre ambos os níveis” (RUSSO, 2010, p. 41), ou seja, por meio do altar cristão presenciamos o sacrifício de Deus presente na hóstia consagrada por meio da eucaristia e o diálogo entre o divino e humano pelo qual as pessoas fazem suas orações e agradecimentos ao Divino Pai Eterno.

Para uma melhor compreensão sobre o que seria altar, Russo (2010), o define da seguinte forma:

Denomina se altar a sagrada mesa em que se oferece a Deus o Sacrifício da Missa. O altar pode ser fixo ou portátil”. “[...] O altar é fixo, [...] se a mesa se encontra unida à base, consagrada juntamente com ela, não podendo dela separar se, sem o prejuízo de execrar o caráter do altar”. “[...] É portátil se conta somente da mesa ou ara consagrada, com independência de toda a base, e que, por conseguinte, pode deslocar se de um lugar para outro sem que se perca sua consagração” (RUSSO, 2010, p. 42-43).

Cruls (s/d) citado por Russo (2010) descreve o altar portátil que acompanhava “Duque de Caxias ao longo de suas campanhas, conservado nas dependências do convento Franciscano do Rio de Janeiro”, [...] como uma “caixa de madeira, coberta de couro e com a forma de um baú”, acrescentando, ainda, que na parte interna do mesmo havia uma pintura com representação da “Ceia do Senhor”. Consta a seguir um exemplo de altar portátil.

Figura 1- Oratório portátil com função de altar que pertenceu ao português, Conde Belmonte, século XIX.



Fonte: Silveli Toledo Russo (2010, p. 45), 11 de junho de 2018.

Logo, segundo Russo (2010), “[...] o altar é a mesa, a pedra do sacrifício; sacrifício que representa o único meio de instituir contato com Deus, cujo instrumento de mediação é o próprio símbolo da pedra”.

Assim, depreende-se, na verdade, que o altar não seja somente uma mesa, mas ainda, e sobremaneira, uma pedra, um altar fixo, por excelência, uma pedra natural única colocada sobre uma base (mesa) também de pedra. No quadro dos oratórios elevados a altar, produzidos comumente em madeira, a legítima denominação de altar reporta-se à pedra colocada no centro desses oratórios, sejam estes móveis ou embutidos na parede. (RUSSO, 2010, p.47)

Russo (2010) difere o altar com pedra d'ara e sem pedra d'ara (**figura 2**) da seguinte forma: “[...] sem pedra d'ara, limita-se, em primeira instância, a congregar os devotos para as práticas da oração e da meditação”.

Figura 2 - Oratório sem pedra d'ara



Fonte: Silveli Toledo Russo, (2010, p. 50), 11 de junho de 2018.

Enquanto que o altar com pedra d'ara (**figura 3**)

[...] traz consigo o simbolismo essencial. Este, por sua vez, combinado com esculturas e pinturas cuja finalidade era de ressaltar os aspectos rituais e históricos do culto e a expressão de devoção particular a um santo, parece estar imbuído no

conjunto das representações mentais que, oportunamente, a Igreja oferece à sua contemplação. (RUSSO, 2010, p.49)

Figura 3 - Oratório armário com função de altar, séc. XVIII.



Fonte: Silveli Toledo Russo, (2010, p. 46), 11 de junho de 2018.

Figura 4 – Detalhes da cavidade onde se coloca a pedra d'ara



Fonte: Silveli Toledo Russo, (2010, p. 46), 11 de junho de 2018.

Entretanto os dois tipos de altar remete a um local que permite a comunicação “entre o terreno e o celestial, permitindo-se afirmar que os elementos que conformam o amplo quadro de relações entre o homem e a divindade, entre o mundo natural e o celestial, cristaliza-se em torno dos oratórios domésticos”. (RUSSO, 2010, p. 49)

Na vida particular, no interior das casas, palco das intimidades domésticas e familiares, o oratório era um objeto indispensável. Em moradas dos mais ricos, ou em casas com paredes de taipa, foi uma constante e hoje encontramos os resquícios do que restou do antigo exercício religioso de orar perante os nichos repletos de imagens de santos. (SANTOS, 2014, p. 27)

Para tanto, no que se referem os oratórios, deve-se levar em consideração três categorias: “o oratório público, o semi-público e o privado, no primeiro [...] todos os fiéis podem assistir ao desenvolvimento dos ofícios divinos”. O segundo “refere-se à categoria de oratórios que presta serviços a uma irmandade ou congregação particular, não sendo permitido o livre acesso ao seu uso”. Já “o oratório privado ou domestico”, são erguidos “em casas particulares para o serviço de uma pessoa ou família [...]”. (RUSSO, 2010, p.50-52)

Segundo Flexor (2009) citado por Santos (2014, p. 29) “[...] no final do século XVIII começaram a aparecer os oratórios de “dizer missa”, peças maiores, que atendiam bem a tendência que estava em voga de realização de missas nas residências particulares”.

[...] os oratórios outrora localizados em cômodos, ou aposentos, comumente chamados de “quartos do oratório”, além de seu uso para as rezas cotidianas tinham também outra grande importância nas moradas de então, pois, como se verá, alcançaram o privilégio de atuarem como protagonistas de parte da religiosidade engendrada na vida cotidiana, estando presentes em momentos essenciais do desenvolvimento familiar: nas celebrações sacramentais do santo sacrifício da missa, do batismo, do matrimônio, e até mesmo na ocasião de velórios, gozando ainda de uma posição física privilegiada no contexto domestico. (RUSSO, 2010, p. 53).

Segundo Filho (2011) “o culto às imagens sacras no Brasil desenvolveu-se no processo da colonização europeia”, onde umas das primeiras imagens trazidas para o Brasil pelos colonizadores entre os séculos XVI e XVII foi a de Nossa Senhora da Esperança, “que veio com Dom Pedro Alvares Cabral em 1500”, e “posteriormente outras imagens foram trazidas por membros mais abastados das comitivas lusitanas”, especialmente a partir da instalação de algumas “ordens religiosas como a dos jesuítas (1549), beneditinos (1581) e franciscanos (1584)”, essas ordens vieram com a “missão de prestar assistência espiritual aos colonizadores e também de catequese”. Dessa forma os missionários conseguiram catequizar o povo chegando ao que conhecemos hoje como catolicismo popular.

Mas, na época não bastava apenas catequizar, precisava-se de um local adequado para que os missionários pudessem ensinar para o povo sua religião e a forma de professá-la, de acordo com Niemeyer (1982) citado por Filho (2011) “os portugueses dispunham de

numerosos arquitetos, mestres-de-obras, pedreiros, marmoristas, carpinteiros, marceneiros e artesãos” os primeiros profissionais foram responsáveis pelas primeiras construções religiosas no Brasil, enquanto os artesãos modelavam os santos, uma vez que não havia imagem de santos suficientes para cada comunidade. Assim, os missionários catequisavam os povos, os profissionais de obras construía as igrejas e os artesãos modelavam os santos para serem venerados.

A igreja era sempre erguida no território conquistado pelos portugueses, e após a construção da capela ocorria à festa católica, comemorando assim a vitória na conquista de novas terras “sob o manto da proteção divina”, além da “posse de novos territórios”, as festas religiosas “ajudavam a estruturar a vida dos que nele viviam. Afinal, a religião estava presente nos mais diversos momentos da vida de uma comunidade [...]” (SOUZA, 2013).

CAPÍTULO 2 – FESTA DE S. BENEDITO E DE S. JOÃO BATISTA NO RIO CAMPOMPEMA

Neste capítulo iremos trabalhar especificamente as festas de São Benedito que acontece apenas com a presença do sagrado e de São João Batista que ocorre por meio da mistura do sagrado com o profano, as quais surgem da devoção, relações e cuidado com os oratórios domésticos. Essa afetividade decorre inicialmente nas casas dos cuidadores de santo e depois passa para a comunidade. Cada festejo realiza-se de forma diferente os quais iremos descrever posteriormente.

2.1.1- Falando um pouco da localidade

Figura 5 - Localização do rio Campompema



Fonte: Google Maps, 28 de maio de 2018.

Como se observa na figura acima, o rio Campompema é uma comunidade ribeirinha que esta situada aproximadamente de 15 (quinze) a 20 (vinte) minutos de viagem a barco, rabeta ou rabudinho⁶ da cidade de Abaetetuba. Segundo seu Manuel, tesoureiro do MORIPA, a localidade possui 972 (novecentos e setenta e dois) habitantes. Os moradores da comunidade exercem atividade agroextrativista, ou seja, sobrevivem tanto da agricultura quanto do extrativismo, as principais atividades são: agricultura do açaí, pesca, criação de tambaqui, artesanato de Mapati, de tipiti, de brinquedo de miriti e crochê.

Entretanto, dessas atividades a mais rendável é a agricultura do açaí, cuja safra vai de junho a dezembro, ou seja, período em que a produção atinge seu pico. Neste tempo a maior parte da população deixa de exercer as demais atividades para se dedicar apenas na colheita do fruto do açaí. Quanto maior o tamanho do terreno, maior será a produção do açaí durante a safra. E nesta época apenas a agricultura familiar não é suficiente para colher toda a produção. Por isso, muitos agricultores contratam peconheiros⁷ e debulhadores⁸. Da produção, é retirado apenas o suficiente para o consumo, e o restante é vendido diretamente na beira da cidade de Abaetetuba, uma vez que a mesma fica próximo do rio Campompema os agricultores não precisam vender para os atravessadores, garantindo assim uma maior lucratividade.

A referida ilha é predominantemente católica, onde por meio do mapeamento identificou-se que uma grande parte desses católicos possui oratórios ou imagens de santos em suas residências.

2.1.2 – Oratório do senhor Benedito

O Sr. Benedito Lucio da Silva mantém relação com o oratório doméstico em seu cotidiano desde criança quando observava o contato de seus pais com os santos por meio do oratório presente em sua residência. Após o falecimento do patriarca seu Benedito passou a cuidar do oratório e dos santos deixados por seu pai. Atualmente o oratório do senhor Benedito como mostra a figura a baixo encontra-se no canto direito da sala para quem chega. O mesmo foi feito pelos seus genros em Abaetetuba, o qual o devoto cuida com muito zelo.

⁶ Os barcos e rabetas são movidos “a motor de centro” enquanto que os rabudinhos são movidos “a motor de popa” este que “pode ser retirado a qualquer hora e transportado para o interior das residências [...]” (MAUÉS, p. 20). Revista PZZ. Multicores rabetas, p.18-29. Belém, Edição 22/2016.

⁷ Pessoas que retiram o cacho de açaí da palmeira.

⁸ Aquele (a), que retira o fruto do cacho.

Figura 6 - Oratório da casa do senhor Bendito



Fonte: Érika Natália Ferreira da Silva, 01 dezembro de 2017, acervo pessoal.

Atualmente o santo fica no oratório da casa do seu Benedito, como se observa na figura a cima, e só é retirado do interior do mesmo no período do festejo que ocorre no mês de julho. O oratório é todo trabalhado em madeira da própria região e tem formato de igreja, ele esta localizado no canto direito da casa para quem chega. A pintura em verniz, em tinta verde e as luzes no teto do oratório dão um destaque de bonito, de belo ao mesmo, revelando que o devoto tem todo um cuidado e respeito ao espaço do sagrado.

A organização dos santos e das fotos de familiares falecidos dentro do oratório chama atenção. O primeiro, porque são posicionados em ordem crescente ou em hierarquia revelando assim a importância de cada um na vida do devoto e o segundo porque se entende que o mundo terreno é um lugar de sofrimento, de tristeza, de se arrepender e que a alegria esta no mundo celeste, e a função do santo é de intermediar para que os quais se foram deste mundo possam chegar no lugar celestial. Por isso é comum encontrar fotos de falecidos no oratório, pois além do contato com o sagrado ele também assume a função de portal, onde as pessoas podem transitar de um lugar para outro.

[...] O verdadeiro santo é aquele que está no céu, isto é, alguém que já morreu e, por ter alcançado a salvação, encontra-se vivendo nesse lugar, em companhia de Deus, dos anjos e dos “espíritos de luz”. Suas imagens ou semelhanças foram, na crença popular, “deixadas por Deus na terra”. Não obstante, essas imagens, por um processo que é, ao mesmo tempo, metafórico e metonímico, também participam do poder do santo do céu [...] (MAUÉS, 2005, p. 261-262).

“Desde que foi modelado o santo nunca foi danificado (quebrado braço, perna), já foi apenas restaurado (pintado), pelo meu filho (Zeca), aqui mesmo no rio Campompema, ele usa dessas tinas comuns que se usa para pintar barco, só que da cor marrom que é a cor da veste de São Benedito.” (SILVA, B., 2017). Segundo RUSSO (2010) “[...] o oratório representa um símbolo que fornece informações sobre os objetos religiosos, hora de uso devocional, hora de uso litúrgico [...]”.

Todos os dias as 18hrs a família faz a oração do terço em frente o oratório e acende uma vela, e todas as terça-feira é feito a novena de nossa Senhora do Perpétuo Socorro as 19:30hs. A família também reza para Santa Rita de Cassia onde todo ano no dia 22 (vinte e dois) de maio considerado o dia da padroeira junto com o povo da comunidade de São João Batista a família do seu Pistola celebram todos juntos pedindo e agradecendo a santa pelas graças alcançadas.

2.1.3 - Como o santo foi adquirido?

“Isso aconteceu antes mesmo de nascer, meu pai viajava para o Amazonas no barco a vela, viagem de três meses. Um belo dia ele estava afundiado⁹ lá, já para a banda da tarde ele deitou na popa da canoa, mas dormiu com uma foto¹⁰ de São Benedito de Gurupá em cima do peito, quando ele acordou estava cheio de jacarés na água, tinha um quase pra puxar ele. Dai ele levantou essa foto para o céu e os jacarés arrecuaram¹¹, quando meu pai chegou em casa pediu a meu tio João Batista da Silva para que fizesse de madeira uma imagem do santo e o colocou em um cantinho especial na casa, desde então ele passou a fazer o festejo de São Benedito em sua casa em agradecimento a sua vida. Na época de meu pai eram oito noites de festa, sendo que todas as noites tinha a celebração junto com a ladainha, e depois era oferecido um pequeno lanche aos participantes, muitas famílias vinham de outras comunidades e passavam de três a quatro noites na casa do meu pai e só voltavam para suas casas quando terminava o festejo. Meu pai chegou a construir mais de três casas para realizar o festejo em honra a São Benedito, porque nós moramos em várzea, conforme ia caindo a terra a casa também se desfazia, e quando caía uma casa meu pai construía outra.” (SILVA, B., 2017).

Durante a pesquisa exploratória seu Benedito falou o porquê que acha a imagem do santo bonita. “Eu acho a imagem do santo bonita pela sua história de vida, mesmo ele sendo

⁹ Ancorado em auto mar.

¹⁰ Santinho

¹¹ Afastaram-se

pobre, analfabeto, filho de escravo, negro ele foi um homem humilde, quando morava no convento ele era cozinheiro roubava comida para levar para os pobres” (SILVA, B., 2017).

Conta-se que S. Benedito quando jovem vivia em casa de Cristo. Era escravo. Ajudava na cozinha e servia a mesa do Senhor e dos outros santos. Gente pobre aparecia sempre na porta do Senhor para pedir um pedaço de pão. Benedito apiedou-se deles e decidiu dar-lhes alguns pães dos que deveria levar para a mesa. Mas os outros santos se aperceberam e desconfiaram que Benedito surrupiava o pão. Falaram ao Senhor. A principio êle não quis acreditar, porém foram tão insistentes as queixas que decidiu-se a vigiar Benedito para surpreendê-lo. Postou-se junto á porta, e ao aproximar-se Benedito com uma trouxa, interpelou-o sôbre o que conduzia, certo que eram os pães. Benedito teve medo e mentiu ao Senhor dizendo que eram flores. Êste mandou que as mostrasse, e viu que Benedito dissera a verdade pois eram flores que êle carregava. Um milagre transformou os pães em flores. Diante da prova Cristo repreendeu severamente os outros santos pelo fuxico (GALVÃO, 1954, p.44-45).

“São Benedito é [...] considerado muito milagroso-e também muito “perigoso”, com quem não se pode brincar”. Os devotos fazem muitas promessas ao santo “para obter curas de doenças, encontrar objetos perdidos e outras graças” (MAUÉS, 2005).

Ainda segundo este autor

Os pescadores também se “pegam” com São Benedito, quando estão no mar, não propriamente em situações de perigo [...], mas em algumas situações difíceis, quando, por exemplo, o ferro da embarcação se prende no fundo, não podendo soltar-se em condições normais, ou quando se perde parte ou a totalidade da rede de pesca e se deseja recuperá-la. (MAUÉS, 2005, p. 260-261).

Segundo Galvão (1954), “O culto de S. Benedito é generalizado em todo o Baixo Amazonas, mas sua imagem de Itá é tida como muito milagrosa”. O santo “atende não somente a seus protegidos, os seringueiros e roceiros da vizinhança, como ao barqueiros, pescadores e donos de embarcações”.

2.1.4 – Festejo de S. Benedito

Muitos dos devotos do rio Campompema ainda mantem a tradição de mandar celebrar no dia do padroeiro/a. A exemplo desta cultura temos o senhor Benedito de 83 (oitenta e três anos), mas conhecido como seu Pistola, nascido e criado às margens ribeirinhas, a qual se dedica ao imaginário popular desde época de seus pais. “[...] o imaginário popular se apropria dos mitos que lhe são transmitidos de geração para geração reafirmando-os ou modificando-os de acordo com a sua realidade [...]” (PAULA, 2011, p.8).

Essa tradição muitas vezes ocorre devido algum acontecimento na vida do devo, cujo, o mesmo faz alguma promessa ao santo, como relata Neuza Rodrigues (2002) em “Artesão de Sonhos”.

[...] Como há dez anos quando herdara do pai, [...] o compromisso de dar continuidade à Festa de São Benedito. Tudo em paga de uma promessa feita ao Santo, quando o velho ficou preso, no fundo do rio “Tucumanduba”, embaixo da rede de “bloqueio”. Só se salvou, porque um boto tucuxi furou as malhas, para comer os maparás, que estavam lá dentro. [...] (RODRIGUES, 2002, p. 47).

Ainda segundo esse autor, “Se não fússi São Benedito, minha véia já tava dé ússu brancu imbaxu da terra”, [...]. “Fui purissu que herdei u cumpurmissu de papai”. “Condu eu morre, meu filho fica nú meu lugá”, sentenciava o dono do Santo. (RODRIGUES, 2002).

A família é devota do santo São Benedito a mais de 100 (cem) anos. No dia de seu batismo o cuidador recebeu o mesmo nome do santo, perguntei a ele se seus pais fizeram alguma promessa para que ele fosse registrado com o mesmo nome do padroeiro, mas infelizmente ele não soube informar. A respeito de o filho carregar o mesmo nome do santo protetor por causa de uma promessa Neuza Rodrigues (2002), enfatiza, “[...] Na canoa principal, sentado no primeiro banco, lugar privilegiado, vinha o “Benedito do Poronga”, aquele que se gerou atravessado no ventre de Jacira, com o “Outro Benedito”, protegido por uma toalha azul, apoiado sobre as pernas [...]”. Devido o menino ter gerado atravessado na barriga da mãe seria quase impossível do mesmo nascer vivo, ou ate mesmo da mãe sobreviver, por isso o pai fez suas orações ao santo e foi atendido, e graças a São Benedito, filho e mãe sobreviveram.

Após o falecimento do pai de seu Benedito, a família continuou com a pratica devocional, onde passou a festejar somente quatro noites no barracão da comunidade católica de São João batista, que fica próximo a residência do seu Pistola. Eduardo Galvão (1954) em sua monografia relata que um dos motivos de algumas festas tradicionais dos santos passarem a ser festejado em dias reduzidos ao invés de se fazer o novenário como de costume é a falta de fundos.

Quando é absolutamente impossível realizar uma festa de novena, o período de duração é reduzido para três dias, começando pelo levantamento do mastro na véspera do dia em que é celebrado o santo, a ladainha e o baile desse dia, a festa do santo no dia seguinte e a derruba do mastro no terceiro. Os elementos essenciais são conservados, reduzindo-se apenas as ladainhas [...] (GALVÃO, 1954, p. 81-82).

A família então queria construir um barracão para o festejo de São Benedito, eles se organizaram fazendo bingos todos os sábados, receberam ajuda de várias pessoas. “Recebi três envelopes com R\$500,00 de um professor da UFPA de Belém que é conhecido da família a mais de doze anos, recebi trinta sacos de cimento de um vereador, recebi R\$ 2.000,00 de uma ex-moradora daqui que hoje mora em Abaetetuba que fez uma promessa a São Benedito e foi ouvida, e de muitas outras pessoas para a construção do Centro Religiosa de São Benedito” (SILVA, B., 2017). E foi por meio da ajuda de muitos devotos e amigos que a

família do senhor Pistola conseguir erguer o Centro religioso de São Benedito que ainda esta em fase de construção como se observa na figura a baixo.

Figura 7 - Centro Comunitário São Benedito



Fonte: Érika Natália Ferreira da Silva, 29 julho de 2017, acervo pessoal.

A família do seu Pistola passou a realizar o festejo no “Centro Religioso de São Benedito” (barracão) desde ano de 2016, ainda falta fazer o acabamento como: reboco das paredes e pintura, como se observa na figura 7. No ano de 2017 durante as quatro noites de festa tudo foi doado, assim como nos anos anteriores, nas três primeiras noites uma família ou uma comunidade é responsável pela celebração, sendo que essas pessoas vão até seu Pistola pedir para que sejam responsável por uma noite. Enquanto que a última noite, dia da festa de S. Benedito é responsabilidade da família do cuidador de santo, onde após a celebração eles oferecem um belíssimo jantar aos convidados. Os devotos que se dirigem até o dono do santo para pedir que seja responsável por uma noite normalmente recebem graças de São Benedito, mas outras pessoas fazem mesmo por amor. Segundo Galvão (1954) “[...] A relação entre o individuo e o santo baseia-se num contrato mútuo, a promessa. Cumprindo aquele sua parte do contrato, o santo fará o mesmo [...]”. Logo, a promessa não pode ser quebrada. “[...] as imagens religiosas transmitem a importância de seu uso rotineiro nas práticas devocionais domésticas, como forma de assegurar a permanência positiva das experiências interpessoais [...]” (RUSSO, 2010, p. 27).

A ornamentação do santo, assim como todas as despesas da festa como: som, fogos, trabalho na cozinha, flores do santo são doados todos os anos. Durante o festejo não existe vendas de bebidas alcoólicas, de alimentação, de brinquedos etc.

“É feito a celebração e algumas noites são rezadas a ladainha quando a equipe responsável pela celebração sabe rezar, porque infelizmente nos dias de hoje poucas são as pessoas que sabem rezar a ladainha, o meu pai com minha mãe rezavam a ladainha, mas eu não sei rezar”. (SILVA, B., 2017).

Em seguida consta uma parte da letrada da ladainha que segundo Rodrigues (2002) era cantada antigamente no festejo de São Benedito.

“Deus vos salve quem já estava
Deus vos salve quem adora
Deus salve São Benedito
Que veio chegando agora.
O nosso Pai Eterno, Ele é nosso Senhor
É o nosso advogado, é o Nosso Redentor
E vamos adorar a Deus com alegria
Adorar São Benedito, Filho da Virgem Maria”...

Essa decadência no número de devotos que sabem rezar a ladainha já vem ocorrendo há muitos anos atrás, pois segundo Galvão (1954), se aprende a cantar a ladainha ouvindo os mais velhos cantar, e como os jovens já não tem interesse em aprender a mesma, o número de pessoas que sabem cantar vai decrescendo, pois quando os mais velhos partem dessa vida levam consigo o que sabem. E dessa forma a tradição vai desaparecendo.

[...] Reduz-se, [...], o número de indivíduos com experiências [...]; o *latinório* das ladainhas é um exemplo. Nessa banda da cidade, que inclui quatro freguesias, apenas um indivíduo o sabe. Aprendeu com o pai, ouvindo-o officiar nas ladainhas. Queria perpetuar a tradição mas seus “meninos” ainda não aprenderam e até agora não tem substituto. Sua função é de um quase sacerdote, sendo convidado a officiar na maioria das festas. [...] aprendeu com os mais velhos, e tem gosto pela função, [...]. (GALVÃO, 1954. p. 81).

Esse relato é muito antigo, mas isso ainda vem ocorrendo nos dias atuais, onde é raro encontrar nas comunidades tanto ribeirinhas quanto urbanas pessoas que saibam rezar a ladainha, e aquelas que sabem, são convidadas para cantar a mesma em quase todas as festas de santos que ocorre nos arredores de sua comunidade.

O festejo do santo coordenado pelo senhor Pistola já perdura por mais de 50 (cinquenta anos). Mas o festejo do santo já era realizado há muitos anos atrás em “Artesão de sonhos” Neusa Rodrigues (2002) relata o festejo de São Benedito no rio Campompema, onde eram realizadas doze noites de festa, a qual o sagrado e o profano andavam juntos, pois nas primeiras noites eram realizadas as novenas com o uso da ladainha e somente na última noite (dia do santo) após a novena acontecia a “festa dançante”, que era encerrada com o “banho na

chamada” “Preamar do encerramento”, pois quando a festa se aproximada do termino, as cozinheiras colocavam no meio do salão um “alguidar” cheio de carne de porco e quem comesse daquela carne “melaria as mãos no toucinho e besuntaria quem estivesse participando da brincadeira. Por isso a festa sempre acabava no porto, quando todos tomavam banho na chamada “Preamar do encerramento” (RODRIGUES, 2002, p. 58). Bem diferente do festejo realizado pela família do seu Pistola, onde acontece apenas quatro noites de festas seguidos somente pela presença do sagrado.

Nas comunidades da zona rural no primeiro dia de festa do santo (a) ocorre a realização do cívrio fluvial. Onde os barcos, canoas, rabetas e todos os tipos de transporte aquático são enfeitados para participar do momento tão esperado pelos devotos. Os transportes de maior poste são unidos um ao lado do outro por meio de cordas. O barco maior e, mas estiloso é escolhido para levar o santo o qual recebe um lugar privilegiado, ou seja, fica no centro dos demais barcos, enquanto as embarcações de pequeno poste vão acompanhando a procissão pela beira do rio evitando assim o risco de sofrer acidente. O barco que leva o santo é o mais populoso, pois todos os devotos querem ficar perto do santo (a), ele também leva os músicos e as pessoas da liturgia.

A procissão fluvial geralmente sai da comunidade vizinha, no caso de festejo comunitário, já no festejo realizado pelo dono do santo (a), cujo, a organização não tem nenhuma relação com a Igreja católica, ou seja, é uma festa particular, o cívrio sai da casa de algum morador, o percurso acontece apenas no rio da localidade, fazendo às vezes paradas em lugares especiais, como por exemplo, em locais considerados assombrados pelos moradores, para que o santo (a) espante a assombração. A respeito deste fato Rodrigues (2002) comenta.

[...] O cortejo singrava as águas que desenhavam a silhueta majestosa da “Pacoca”, ilha encantada, cravada no coração da Amazônia, que costumava transforma-se em um navio apinhado de luzes. “Desconjuro”. Bastava o navegador aproximar-se da nau encantada, as luzes despencavam dentro d’água. E na escuridão da noite, lá estava a ilha, mergulhada em silêncio, lançando fogo da copa do “miritizeiro”. “Cruz em Credo”, “parêsqe” havia espírito maligno, morando por lá. Diziam que era a “Cobra-Grande”, guardiã da ilha, uma índia que virou cobra, por recusar a mão do filho de um feiticeiro. Não quis casar com o guerreiro. O velho índio jogou-lhe a mandinga. Virou uma cobra enorme, “negra-lustrosa”, os olhos pareciam carvão em brasa. Aquele feitiço só seria quebrado, quando um caboclo forte e corajoso lançasse-lhe a cabeça fora do corpo, com um terçado “virgem”. Eu, heim? Por isso, “Tia Zita”, devota contrita e noitária da festa do Santo, exigia que fosse feita aquela Procissão Fluvial, para “arrodiá” a ilha, com a imagem de São Benedito na proa da canoa. “Assim, o Santo espantava as visagens” [...]. (RODRIGUES, 2002, p.44-45).

O último barco da procissão não vai entrelaçado aos demais, pois nele estão contidos os fogos e as pessoas responsáveis por liberar os mesmos. Os fogos não são liberados em qualquer momento, eles são soltos em pontos específicos da procissão, eles também

simbolizam um momento muito importante na vida da comunidade que é o período festivo que aquele povo esta vivendo. Segundo Moura (2005) citado por Souza (2013) a função dos fogos “sempre foi de propagar o júbilo, atrair as pessoas, consagrar homens e saudar”. Os fogos também anunciam a chega do santo como Rodrigues relata.

[...] o pipocar dos foguetes, vindo da Procissão, tombou Ave-Marias sobre as águas do “Campompema”, anunciando que o santo estava chegando. Era hora de abreviar os afazeres: varrer o salão, colocar rosas no oratório, enfiar as velas nos castiçais de barro, correr para o porto e encerrar o banho em três mergulhos. A distância da Procissão era medida pelo barulho dos fogos, que já arrebentavam na boca do rio Abaeté. (RODRIGUES, 2002. p. 47-48)

“Antes o festejo era feito no mês de abril, mês da morte de São Benedito, depois mudamos para o mês de julho, pois como é o mês de férias todos tem tempo para participar,” (SILVA, B., 2017). Durante o festejo foi perceptivo o respeito que as pessoas têm pelo santo e pelos mais velhos, pois todos quando chegavam ao Centro Religioso se direcionavam ao andor onde se encontrava o santo, para pedir ou agradecer pelas graças alcançadas, fazendo reverencia como: “beija-se o altar, a cruz, a imagem do santo ou a fita que pende da imagem” (TAVARES, 2013, p. 43), mostrando assim estima pelo santo, em seguida cumprimentavam uns aos outros, tanto as crianças como os adultos se direcionavam aos idosos para que os abençoassem.

As pessoas convivem com o santo no seu dia a dia, onde esse contato é feito por meio do uso do imaginário. Os devotos ao fazer suas preces e suas orações antes de ir para o trabalho imaginam como seja o santo, e neste imaginário surgem às cores de sua veste, a cor do seu cabelo, a cor de seu corpo, seu olhar etc. No festejo esse imaginário se torna real, as pessoas podem ver e tocar o santo, beijar sua fita, agradecer e fazer novos pedidos. Segundo Castoriades (ano) citado por Laplantine e Trindade (2003)

Afirma ser o imaginário a capacidade de “produzir” uma imagem que não é e nem nunca foi dada na percepção, consideramos que a imagem é formada a partir de um apoio real na percepção, mas que no imaginário o estímulo perceptual é transfigurado e deslocado, criando novas relações inexistentes no real. (LAPLANTINE E TRINDADE, 2003, p. 25).

Essa tradição do uso de oratórios nas ilhas de Abaetetuba apesar de não ser tão presente como antigamente, ainda há todo um cuidado, respeito e devoção pelos quais ainda existem, tanto por parte da família quanto pelos moradores da comunidade local e comunidades vizinhas. Pude perceber esse fato no dia 29 de julho de 2017 quando fui até a residência do seu Pistola no festejo de São Benedito. Vieram pessoas de vários lugares para celebrar junto com a família do patriarca, pessoas que se deslocaram de suas casas em rabetas, canoas a remo, barco, ex-moradores da localidade que atualmente moram na cidade de

Abaetetuba também se fizeram presentes etc, todos reunido em um só lugar por um só motivo, devoção ao São Benedito.

Durante a romaria, os devotos de diferentes localidades se juntam para demonstrar sua fé, a religiosidade popular cria nesse momento laços de solidariedade entre os romeiros, que tem em comum a mesma crença e as mesmas graças alcançadas devido o intermédio do santo de devoção (TAVARES, 2013, p, 41).

As pessoas quando chegavam eram recebidas pelo patriarca, em seguida recebiam um cafezinho sinal de dizer seja bem vindo (a). Posteriormente houve a venda e a marcação de bingo onde havia dois prêmios, após houve o grande momento que foi a celebração sobre a responsabilidade da comunidade Católica São João Batista. Em seguida teve o jantar sobre a responsabilidade da família do patriarca com diversos tipos de comida, onde a mesa das crianças ficou na casa do senhor Pistola e a mesa dos adultos ficou no Centro Religioso, para jantar, cada um tinha que esperar sua vez na fila. Enquanto o povo jantava houve sorteio de brindes. Segundo seu Benedito sempre foi assim desde época de seus pais.

Como parte integrante da festa, a comida, a alimentação dos convidados merece um olhar mais detido. Distribuída de graça, ponto alto da festa, adquire uma importância simbólica significativa, tanto se estabelecermos relação com os ritos religiosos, a comunhão dos católicos [...]. (SOUZA, 2004, p.5)

Essa pratica de oferecer alimentação aos devotos é bastante antiga, onde o dono do/a santo (a) recebia donativos variados dos religiosos durante todo o ano, e o terreiro do cuidador de santo ficava cheio de xerimbabos, logo, quando chegava o período da festa havia comida de diversos tipos no quintal do dono do santo para alimentar os convidados. Como Rodrigues (2002) relata “[...] já havia matado oito capados, vinte galinhas, seis perus, quatro capivaras, e outros tantos patos. Tudo doado pelos devotos, com antecedência, para o festejo do Santo. Aliás, o terreiro [...] recebia o ano todo “serimbabos”, doados pelos devotos de São Benedito”. Hoje em dia, ainda é assim na casa do seu Pistola, mas com menor intensidade, ou seja, ele ainda recebe donativo dos devotos durante o ano, mas o que recebe não é suficiente para alimentar todos os convidados durante o festejo.

É bom saber que nas ilhas de Abaetetuba ainda há pessoas que acreditam nos santos e fazem questão de manter essa tradição, essa cultura esse carinho pelas imagens dos santos, é gratificante saber que essas pessoas não vão em busca de bebidas alcoólicas como em outras festas e, sim por que tem uma devoção pelo santo e um carinho pela família do devoto.

Durante a celebração em homenagem a São Benedito havia uma equipe responsável pela queima dos fogos de artifícios no início e no final da mesma. Quando os fogos são liberados no início da celebração todas as demais pessoas que estão em suas casas, ou seja, que não estão participando da mesma sabem pelo estourar dos fogos que naquela

comunidade/rio existe um/a devoto/a que está comemorando junto com seus familiares e amigos a devoção a algum Santo/a.

Já quando os fogos são liberados no final da celebração é sinal que os familiares daqueles que não foram para a celebração não irão demorar em chegar a sua residência. Diferente dos festejos de santos que tem vínculo com a Igreja católica, onde após a queima dos fogos no final da celebração as pessoas participam de um segundo momento que é a confraternização no barracão, onde há música ao vivo, vendas de refrigerantes, de leilões, de doces, de bombons, brincadeiras etc, logo os devotos levam mais tempo para se descolarem para suas casas.

As celebrações não ocorrem apenas nos dias de festa de São Benedito. “Após o festejo eu trago o São Benedito pra cá pro oratório de casa” (SILVA, B., 2017), onde além de São Benedito ele possui mais de vinte imagens, algumas que foram deixadas por seus pais, e outras doadas por amigos e familiares, como: Santa Rita de Cassia, Nossa senhora do Perpétuo Socorro etc.

Segundo Galvão (1954) “A comunicação ou aproximação com o santo para dêle se obter auxílio se faz sobretudo através das ladainhas e novenas [...]”. Ainda segundo esse autor na comunidade na qual realizou sua pesquisa quase todas as casas tinham oratórios domésticos, porem havia ausência de imagens feitas de madeira, de gesso etc, pois naquela época era muito difícil de conseguir as imagens, “as imagens de santos, em geral de massa ou madeira importadas de Belém, são propriedade de um indivíduo e passadas de geração em geração como herança muito presada”, ou seja, as imagens que havia nos oratórios eram figuras recortadas de livros etc. “[...] Praticamente, tôdas as casas possuem um pequeno altar, onde á falta de imagens, são exibidos cromos¹² e figuras de santos recortadas de livros ou almanaque¹³ [...]” (GALVÃO, 1954, p. 41).

A família de seu Pistola faz uso dessa tradição há muitos anos, entretanto a participação das pessoas já não é como outrora, mas isso não os impede de manter o cuidado com as imagens dos santos. Na entrevista feita com a diretora do Museu do Oratório de Minas ela fala em “cuidar, resgatar, preservar e respeitar”. Mediante essas palavras Frange (2006) faz alguns questionamentos como: “[...] que maneiras vou cuidando, resgatando preservando e respeitando os oratórios da minha família, da comunidade em que vivo, da região na qual hábito?”

¹² Fotografia colorida em positivo, revelada sobre uma película transparente de celulóide. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=cromos>>. Acesso em 24 de abril de 2017.

¹³ Calendário que comporta indicações astronômicas e meteorológicas. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/almanaque/>>. Acesso em 24 de abril de 2017.

A resposta para uma dessas perguntas pode ser respondida na fala do seu Benedito, quando pergunto se ele pretende da continuidade a essa tradição. “eu peço, pra Deus, a nossa Senhora e a São Benedito, que eu morrendo meus filhos fique com essa tradição se não vai acabar”. Essa é uma das grandes preocupações dos devotos que fazem uso dos oratórios, eles não querem que a tradição, o cuidado, carinho e o amor que eles dedicaram há tantos anos pela arte devocional terminem com sua partida deste mundo, pelo contrario, eles pretendem que outras pessoas da família deem continuidade a tradição, cuidando, respeitando, preservando e resgatando essa cultura que já perdura por muitos anos em algumas famílias ribeirinhas, caso contrário, as gerações futuras não terão conhecimento sobre essa pratica devocional.

2.2.1 - Festejo de São João Batista

O festejo de São João Batista acontece sobe a responsabilidade da família do senhor Antônio dos Santos. Ele é lavrador aposentado, tem 76 (setenta e seis) anos de nascido e 57 (cinquenta e sete) anos de casado. A tradição do festejo do santo perdura desde a época de seu avô (Marcelo), que passou para seu pai (Raimundo) que após seu falecimento passou para seu Antônio sobe a responsabilidade do qual a devoção já dura 32 (trinta e dois) anos. O cuidador de santo não soube informar o historio da imagem de São João Batista, ou seja, como ele veio fazer parte da família de seu avô, o porquê dessa tradição. Entretanto o devoto informou que a imagem é toda trabalhada em uma madeira da região chamada de cedro, material fácil de ser manuseada e de grande durabilidade.

São João Batista foi o profeta que anunciou e preparou os caminhos para a vinda do Messias. Ele foi quem batizou Jesus Cristo nas águas do rio Jordão.

Consta na bíblia que Isabel, a mãe de João Batista, era estéril e estava em uma idade avançada e por isso não podia ter filhos. Mesmo em meio a essas adversidades Isabel engravidou e disse à sua prima Maria, futura mãe de Jesus Cristo, que comunicaria o nascimento do seu filho com seu esposo Zacarias acendendo uma grande fogueira. O filho de Isabel foi o profeta João Batista, que posteriormente batizaria Jesus Cristo nas águas do rio Jordão. João Batista seria o anunciador da vinda do Messias. [...] João Batista era um homem de uma oratória rígida e severa do ponto de vista da leitura dos preceitos morais do seu tempo, o que incomodou o rei Herodes, que o enclausurou. Segundo relatos bíblicos, a dançarina Erotides, orientada por sua mãe, pediu a Herodes a cabeça de João Batista em uma bandeja, o que configurou uma morte trágica do precursor de Cristo [...] (CASTRO, 2008, p. 2-3).

A família de seu Antônio possui dois oratórios, um que fica na casa do devoto que já tem cerca de 10 (dez anos) de construído como se observa na figura a seguir e outro

localizado no barracão onde é realizado o festejo do padroeiro, o qual segundo seu Antônio tem 20 (vinte) anos de erguido, ambos são feitos de madeira e tem o formato de capela.

Figura 8 - Oratório da casa do seu Antônio



Fonte: Maria Cristina dos S. Cardoso, março de 2018, acervo pessoal.

Como podemos observar os santos são organizados em ordem crescente, neste oratório existe mais de 20 (vinte) imagens, a maioria deixada pelo avô de seu Antônio. Nesta figura é perceptível a presença da estética nos oratórios domésticos. Seu Antônio faz questão de mantê-lo sempre arrumado, até os mínimos detalhes que se tornam imperceptível para quem chega a sua residência como o forro da capela que ele exige que tenha enfeite.

Em algumas casas os santos amontoam-se uns sobre os outros, ora em bolados em fitas coloridas, ora envolvidos em flores (...) em outras, é decorado com arranjos de papel crepom, craft ou celofane, oferecendo uma qualidade estética pela importância do santo na vida do devoto. (FRANGE, 2006. p. 5)

O livro sagrado também faz parte do cantinho destino ao contato com o Divino Pai Eterno, ele é preservado com muito cuidado, o mesmo e sobreposto em um local específico chamado de ambão, que segundo a Igreja católica é o local onde se põe a palavra de Deus.

Como se observa na figura 8 a arte esta presente em todo oratório, mas não me refiro aqui da arte clássica, daquelas encontradas em museu, e sim da arte popular, ou seja, arte no sentido de saber fazer. Ela esta presente na forma que as curvas dão ao oratório da casa de seu Antônio e do oratório localizado no barracão onde ocorre o festejo de São João Batista, na pintura colorida e detalhada, nas bordas das tolhas tecidas calmamente com linhas de crochê,

a forma como as flores artificiais são fixadas no oratório, o local estratégico que cada santo ocupa dentro do oratório, ou seja, a arte de saber fazer estar presente desde oratório da casa do seu Antônio até a bandeira do santo que é usada no mastro da festividade que irei relatar posteriormente, pois a festa também é uma arte.

Uma de suas filhas é responsável pela limpeza e enfeite da capela localizada na casa do cuidador de santo. Na ornamentação ela usa materiais como: flores artificiais, TNT, tecido oxford e linha de crochê para fazer o bordado das toalhas, como se observa na figura a cima. Para a limpeza do oratório segundo o devoto, ela retira todas as imagens da capela e lava uma por uma com água e sabão em seguida seca as com um pano de algodão. Posteriormente todos os santos são postos de voltas em seus lugares de costume. Todos os dias as 07: 00hs o seu Antônio abre a capela, as 18: 00hs e acende uma vela no centro do oratório de sua residência e as 20: 00hs ele fecha as portas da mesma. Ele não sabe informar o porquê que sempre acende velas, fecha e abre a capela nos horários citados anteriormente, mas disse que vem desde época de seus avós.

Já o oratório do barracão onde ocorre o festejo de São João Batista conforme figura a baixo é cuidado da mesma forma que o oratório da casa de seu Antônio, mas no período do festejo ele recebe um cuidado especial.

Figura 9 - Oratório do barracão, onde ocorre o festejo de São João Batista.



Fonte: Nezilú Gonçalves Santos, 13 de junho de 2018, acervo pessoal.

Como se observa na figura 9 o oratório tem um formato de Igreja, onde todos os santos são organizados em ordem crescente, o santo padroeiro é sempre posto no centro do

mesmo por menor que o seja. Entretanto neste dia ele se encontrava no andor, pois foi o dia que iniciou o seu festejo.

[...] Os santos são pessoas – isto é, seres individuais, dotados de liberdade, vontade, qualidades próprias e uma biografia – habitam o céu, estando junto de Deus, e por isso, tem poderes sobrenaturais. Mas ao mesmo tempo também estão presentes na terra através de suas imagens, que equivalem à própria pessoa do santo [...] (TAVARES, 2013, p. 37).

Segundo o senhor Antônio essa capela tem cerca de 20 (vinte) anos e a presença da estética no mesmo se apresenta de duas formas. Primeiro momento: Todo ano tem reformar do mesmo, onde o “Jesus de Nazaré” (conhecido da família) é responsável por trocar as madeiras danificadas e o Alex (neto de seu Antônio) faz a pintura, como se observa na figura a cima ele esta sempre atento aos mínimos detalhes, como as flores na parte interna da porta da capela e do lado externo do oratório onde tudo é muito colorido, o nome do padroeiro na frente do oratório também é feito com muito cuidado, pintado com 3 (três) cores de tinta para uma melhor visualização a quem chega, o contorno de azul destaca o formato de capela do oratório. A pintura externa é branca e azul detalhada com flores coloridas. Já a interna é pintada com verniz, o qual da uma textura de brilho e naturalidade ao ambiente.

Segundo momento: é destacado pela limpeza dos santos, da capela e ornamentação da mesma. Esta função é exercida por Maria Cristina neta de seu Antônio. Ela faz conforme ele orienta. “As vezes eu fico chateado com ela porque ela não faz do jeito que eu quero” (SANTOS, A., 2018). A limpeza do oratório é feito todo ano nos meses que antecede a festa do padroeiro. Sua neta usa água, sabão em pó, detergente, pano, escovinha, esponja e vassoura para lavar a capela.

A capela é o centro em redor do qual se organiza o culto coletivo aos santos. Dentro dela podem ser encontradas a imagem do padroeiro e dos santos de devoção da comunidade. Os fieis se reúnem nesses locais para rezar novenas, celebrar festas dos santos, orar pelas almas e para participar de missas celebradas por padres que estão de passagem pela comunidade (TAVARES, 2013, p. 40 41).

Já a limpeza dos santos ela usada à mesma técnica que a filha de seu Antônio utiliza para fazer a limpeza dos santos localizados na casa do devoto. A ornamentação é feita de acordo com a cor das flores do andor do santo, onde os detalhes também ficam sobe a responsabilidade e criatividade de sua neta. Para tal, como se observa na figura 9 ela usa diversos materiais como: TNT, toalhas de tecido (oxford) com borda de cambráia e de croché e muitas flores coloridas artificiais, até mesmo o forro da capela tem que esta decorado. Na decoração também são usados alguns símbolos do mês junino, onde a neta de seu Antônio se apropria do imaginário para confeccioná-los como, por exemplo, as fogueiras são feitas com materiais de pistolas simbolizando o fogo e a luz, os balões são feitos de papéis decorados e

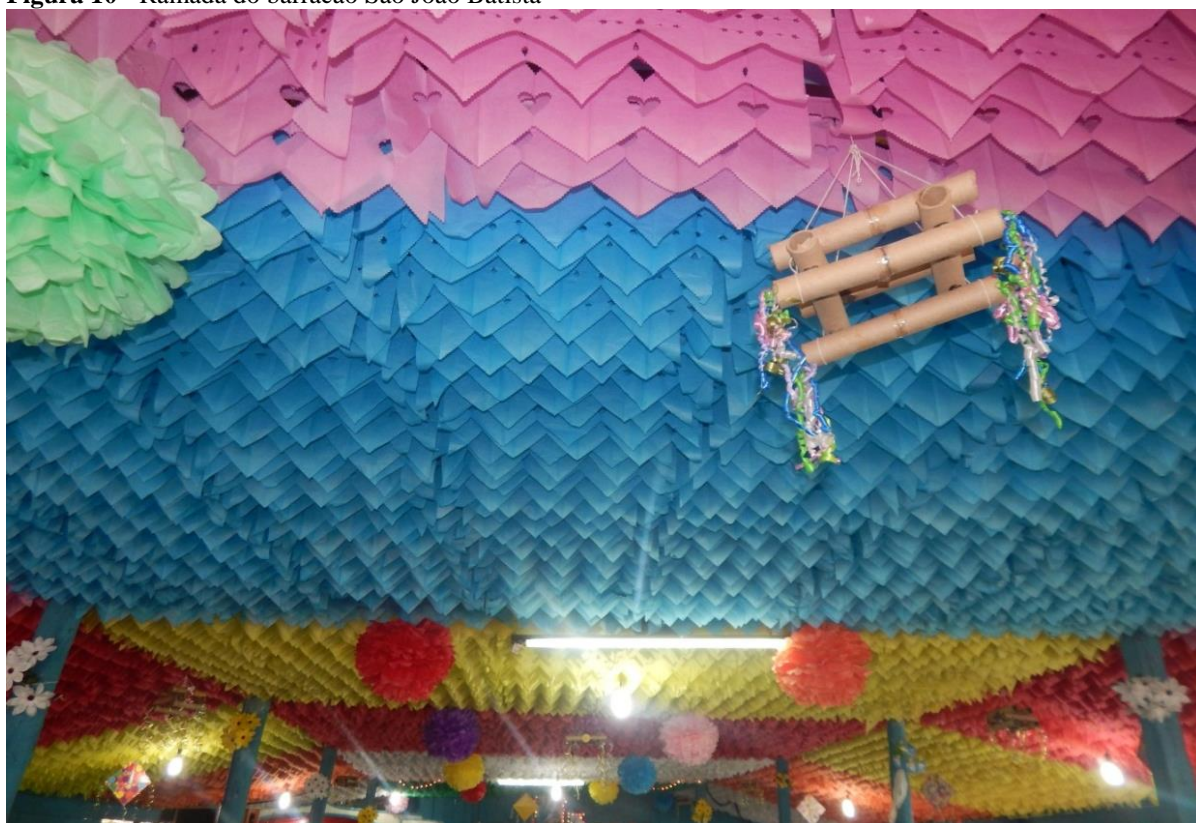
nas bordas dos mesmos e das fogueiras são inseridos fitas coloridas, logo as cores alegram o ambiente da festa.

Segundo seu Antônio a tradição do festejo de São João Batista já perdura na família cerca de 200 (duzentos) anos. O festejo ocorre todo ano no mês de junho do dia 13 (treze) ao dia 24 (vinte e quatro).

O festejo de S. João Batista perdura por 12 (doze dias), mas a família de seu Antônio e os devotos responsáveis pelas noites de celebração começam a trabalhar bem antes. A maioria se prepara para o festejo durante o ano todo que antecede a festa. Como os responsáveis pela doação do mastro e da ramada, onde o mastro é levantado no primeiro dia e derrubado no último. Enquanto a ramada é colocada na semana anterior o dia do círio e derrubada também no último dia, que é o dia da festa do santo, pois o trabalho para a produção da ramada é bem maior que a do mastro.

Galvão (1954) descreve o que seria a ramada em outrora. “[...] um grande terreiro, espécie de praça para a qual dão as barracas, [...] pavilhão de danças, de cobertura de palha e de chão de terra batida [...]”, ou seja, a ramada eram barracas cobertas com palhas onde acontecia o momento profano. Nos dias atuais, ramada são bandeirinhas confeccionadas de papel de seda combinando com a cor das flores do andor do santo e de outras cores de preferência do patrocinador. Cada bandeirinha tem uma arte, como se observa na figura a baixo, algumas tem desenho de coração simbolizando o amor, outras de círculo mostrando a união etc. Na arte da ramada o que conta é o imaginário, sendo que o devoto que doa a mesma é responsável por contratar as pessoas para fazer as bandeirinhas, colar no barbante e amarrá-las no barracão de modo que a arte cubra todo o telhado do salão.

Figura 10 - Ramada do barracão São João Batista



Fonte: Antonio Grazianne Silva da Silva, 13 de junho de 2018, acervo pessoal.

2.2.2 – Primeiro dia de festa (dia 13/06)

Conforme Galvão (1954) o primeiro dia de festa é patrocinado pelo “juiz do mastro”, “marcado pelo levantamento de um mastro votivo em que se hasteia a bandeira do santo”. “Após a cerimônia do mastro, realizada à tarde, segue-se uma ladainha e então o baile, que não raro avança até o dia seguinte”. Entretanto, neste dia antes do levantamento do mastro acontece o círio fluvial que sai da casa de um promesseiro, a procissão acontece da mesma forma que no festejo de S. Benedito citado no subitem 2.1.4 (p.30). “Neste dia apresentava-se o barco para conduzir o santo de Jacupi a Itá. Todos os barcos de vela, lanchas e canoas da cidade ou de fora, acompanhavam o barco na meia lua, procissão fluvial”. (GALVÃO, 1954). Este ano (2018) o santo e a maioria dos devotos vieram no barco maior acompanhados da bandinha do senhor “Mário”, onde os integrantes tocavam alguns instrumentos como: prato, saxofone, trombone de vara, zabumba e etc, Rodrigues (2002), também relata de uma banda chamada “Jaze” do “maestro” que também tocava esses instrumentos “[...] “Nego Bertoldo”, na zabumba; [...] “maestro” Agenor, no saxofone [...]”. O santo vem no centro do barco e do seu lado o devoto cuidador, enquanto os fieis ficam em seu entorno, cantando e glorificando pelas bênçãos recebidas acompanhados da bandinha. Como mostra na figura 11 e 12.

Figura 11 – Seu Antônio sentado ao lado de São João Batista durante o círio fluvial



Fonte: Nezilu Gonçalves dos Santos, 13 de junho de 2018, acervo pessoal.

Figura 12 – Devotos no círio fluvial acompanhados da bandinha do senhor Mário



Fonte: Nezilu Gonçalves dos Santos, 13 de junho de 2018, acervo pessoal.

Quando o barco que trás o santo atraca no porto, todos os que acompanham o círio desembarcam e ficam do lado externo do barracão esperando o padroeiro subir. Quando o

santo se encontra no interior do barracão os devotos que carregam seu andor dão meio volta com o padroeiro fazendo com que ele fique de frente para o local onde o mastro vai ser erguido com a bandeira do santo, o qual fica armando antes mesmo de o círio fluvial acontecer, pois quando o santo chega o mastro deve ser levantado em seguida. “[...] o mastro é um varão de sete a oito metros que se prepara em uma das roças [...]”. O mastro é pintado de varias cores, algumas com a cor do santo como vermelho e branco outras por gosto do devoto. “[...] Ajusta-se a bandeira do santo ao topo do mastro; é um quadrado de pano branco onde estão pintados” o nome do santo e o nome do rio como se pode observar na figura 13 “[...] O mastro é levado até [...]” a ponte onde uma estrutura com um buraco já foi preparado “para recebê-lo”. Em seguida ele “é erguido com o estourar de foguetes, [...] e muitos vivas ao santo [...]”. (GALVÃO, 1954).

Figura 13 – Mastro de São João Batista



Fonte: Nezilu Gonçalves dos Santos, 13 de junho de 2018, acervo pessoal.

Após o levantamento do mastro a bandinha começa a tocar, o santo vai à frente e os devotos atrás até chegar ao local onde a imagem ficará durante a celebração do primeiro dia. Posteriormente “[...] dispersa-se o grupo para aguardar a hora da ladainha”, que ocorre por volta das 20:00hs. (GALVÃO, 1954)

Nesta celebração além dos cânticos e oração do Pai Nosso e Ave Maria teve também a ladainha cantada chamada de “Ladainha Nordestina”, esta, porém não é a ladainha tradicional cantada em latim, pois raro são as pessoas que ainda sabem cantar a mesma lesta língua. Por isso as ladainhas foram modernizadas e padronizadas, ou seja, nas ilhas de Abaetetuba se canta uma ladainha para os santos e outra para as santas, esta encontrada no livro “cantando a vida”, livro este que contem inúmeros cantos católicos de todo o calendário litúrgico. Nesta ladainha os celebrantes faziam a primeira voz e o povo fazia a segunda cantando “*rogai a Deus por nós*”.

Consta a seguir a letra da ladainha canta no primeiro dia da festa de São João Batista tirada do livro “cantando a vida”.

LADAINHA NORDESTINA

Ô. Ô, Ô, Ô, Ô, Ô (2) Convido todos os santos, chamados a profetizar. Convido os mártires da terra que a vida souberam doar.

1. São Francisco e Santa Clara rogai a Deus por nós! Santa Rita de Cássia, rogai a Deus por nós! Maria de Nazaré, rogai a Deus por nós! Maria da Conceição, rogai a Deus por nós!
2. Jósimo e Chico Mendes, rogai a Deus Por nós! São José Operário, rogai a Deus por nós! Senhora de Guadalupe, rogai a Deus por nos! Padre Cícero Romão, rogai a Deus por nos! São Raimundo Nonato, rogai a Deus por nós!
3. Senhora de Aparecida, rogai a Deus por nós! Santa Luzia e Marçal, rogai a Deus por nós! Santa Rosa e Santos Dias, rogai a Deus por nós! São Benedito e São Gonçalo, rogai a Deus por nós!
4. Santo Antônio e São Paulo, rogai a Deus por nós! Senhora dos oprimidos, rogai a Deus por nós! São João e Anastácia, rogai a Deus por nos!

Espírito Santo de amor, Jesus que ressuscitou! Sustenta nossa caminhada, te suplicamos com fervor. Socorre o povo sofrido, é teu projeto de amor.

Ô. Ô, Ô, Ô, Ô, Ô (2).

Vale frisar que esta ladainha é a mesma cantada na festividade de São Bendito organizada pela família de seu Pistola como citado no inicio deste capítulo.

Após a celebração da reza é oferecido suco com bolacha, café, bolo etc. Segundo seu Antônio isso é muito relativo, ou seja, depende da família ou promesseiro responsável da noite. “se ele quiser oferecer alguma coisa para os participantes ele oferece, se não depois da celebração os convidados vão para as suas casas” (SANTOS, B., 2018).

“No primeiro dia antes da reza ler a relação dos responsáveis das noites, depois a relação é pregada na parede” (SANTOS, B., 2018). Isso é feito todo ano para que nenhum

promesseiro fique desorientado sobe a noite que é de sua responsabilidade. O oratório ou a capela “[...] marcado por ser a casa de um santo de grande devoção popular, atrai um grande número de romeiros, que seguem para o local para demonstrar sua fé, cumprir promessas, levar ex-votos ou participar da festa do santo [...]” (TAVARES, 2013, p. 41).

Um dos motivos que levam o cuidador de santo realizar o festejo esta ligada a relação de reciprocidade, onde:

Na troca há sempre três momentos que se reverterem no principio da ação recíproca – dar, receber, retribuir. A troca não seria somente uma permuta de produtos, ela carrega a potencialidade da sociabilidade humana, sobre a qual se fundam a solidariedade, a integração social e as obrigações mútuas. (RADOMSKY E SCHNEIDER, 2007, p. 254).

No momento em que o devoto se compromete com o santo e vice versa, os dois devem cumprir sua parte no trato para que aconteça essa relação. Logo, quando o cuidador faz um pedido ao santo, o padroeiro atende lhe dando o que foi solicitado. O devoto por sua vez recebe a graça e retribui cumprindo sua parte no trato quer seja fazendo o festo ou levando um ex-voto que segundo Lopes (2014) “[...] representam a força de uma promessa, designam a doação de vários objetos aos santos de sua devoção, como agradecimento por pedido atendido”. Ainda segundo Cascudo (2002).

Ex-voto: Do latim votum, coisa prometida. “O que se promete deve ser pago”, diz o ditado. Ex-voto é o que se recebe ao santo de devoção para se receber a graça, ou o que se oferece por tê-la alcançado. Não é exclusivo do mundo católico; encontra-se em toda parte, tendo sido registrado desde antiguidade, entre os assírios. O ex-voto pode ser: vela, foto, partes do corpo feitas em cera, barro ou madeira, e outros objetos. (CASCUDO, 2002, p.220).

O festejo de São João Batista ocorre diferente do festejo de São Benedito, pois no festejo de São João Batista no primeiro (13) e no último dia (24), após a celebração acontece à festa dançante com venda de bebidas alcoólicas, ou seja, o sagrado e o profano andam juntos.

As festas e manifestações religiosas constituíam uma forma de reunião social, sobretudo nas regiões rurais, [...]. O sagrado e profano andavam unidos e juntos. As procissões e as festas religiosas quebravam a monotonia e a rotina diária, sendo, na maior parte das vezes, uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e se divertir (WERNET, 1987, p. 24-25).

O festar, não é apenas por diversão, o sagrado e o profano são aliados para demonstrar, comemorar e agradecer pelas graças alcançadas. O momento festivo também é um local de encontros e reencontros, momento onde as pessoas aproveitam para conversar, para darem risadas, para unir as orações e se confraternizarem coletivamente, uma vez que são poucas as opções de lazer nas ilhas de Abaetetuba.

Nesse sentido, as festas revelam a essência fundante de respeito à fé e à fraternidade comunal, que alimentam as manifestações religiosas e perpetuam as tradições que constituem um verdadeiro patrimônio cultural. Assim se configuram as festas brasileiras desde os primeiros séculos de colonização. O espaço de sociabilidade,

para a maior parte da população, se realizava fora do âmbito domiciliar, uma vez que os grandes momentos de interação social eram as festas religiosas. (JURKEVICS, 2005, p. 74).

As festas religiosas são praticamente a forma de lazer mais comum entre as pessoas que moram nas ilhas desta cidade, até as escolas raramente proporcionam momento de confraternização que envolva toda comunidade, nem quadra poli- esporte as escolas possuem para que os alunos possam desenvolver suas atividades de educação física, digo isso, porque nasci e me criei na zona rural, fui aluna da escola do campo desde a primeira serie até o ensino médio. E quando tínhamos aulas de educação física à escola alugava o campo de futebol de algum morador para que o professor (a) pudesse ministrar sua aula. Já faz mais de dez anos que concluir o ensino médio e até hoje a escola onde estudei continua sem quadra esportiva, ela e todas as demais escolas das ilhas que conheço.

Logo, tanto os alunos quantos os demais moradores da região das Ilhas de Abaetetuba tem apenas as festas religiosas e profanas que acontecem eventualmente nas casas particulares como momento de lazer, por isso, o povo espera e se prepara ansiosamente o ano todo esperando a festa do santo.

Mas afinal, o que é a festa do santo? “A festa do santo é um culto coletivo, onde todos estão celebrando a imagem do santo, buscando agradecer pela graça concedida, pagando ou realizando novas promessas. A festa é o momento no qual o sagrado se revela no ritual [...]” (TAVARES, 2013, p.44).

A festa é toda marcada pelas rezas, a oração está em diversos momentos, pois sua essência é o contato dos devotos com o santo. Durante a festa são encontradas as orações mais comuns. Pai-Nosso, Ave-Maria, o terço, as ladainhas e as orações próprias de cada santo (TAVARES, 2013, p.43).

No primeiro e no ultimo dia, quando acontece a festa dançante com portaria libera (ninguém paga para adentra no barracão), vendas de bebidas alcóolicas como citado anteriormente e vendas de leilões¹⁴ o santo é posto no oratório e as portas da capela são fechadas assim que termina a celebração. Sinal que vai começar a festa profana. Rodrigues (2002) já relatara esse acontecimento quando descreve uma festa de santo no rio Campompema “[...] A animação pegou fogo, quando o Santo foi colocado dentro do oratório [...]”. Para os devotos quando o santo é posto no interior do oratório e que as portas do mesmo são fechadas o santo é poupado de ver o que acontece no salão. Dessa forma os devotos não correm risco de serem punidos pelo santo por beberem e dançarem.

¹⁴ Bolo, frango, porco, camarão, saco de farinha com 30 kg, queijo etc.

Figura 14 – Seu Antônio fechando a Capela

Fonte: Antonio Grazianne S. da Silva, 13 de junho de 2018, acervo pessoal.

Figura 15 – Capela fechada

Fonte: Maria Cristina, 13 de junho de 2018, acervo pessoal.

Vale ressaltar que antigamente a festa dançante só ocorria no dia 13/06 e no dia 24/06. Entretanto, nos dias atuais houve mudanças, hoje os “noitários ou mordomos” (GALVÃO, 1954) também podem realizar o momento dançante durante o novenário. Porém depende muito do dono da noite e de suas condições financeiras, pois as despesas de uma festa dançante são muito altas. Além deste fato, é necessário que o promesseiro tenha a autorização do dono do santo que só permite que haja festa dançante no período do novenário durante a noite. Porém, isso poucas vezes acontece por conta da responsabilidade que é muito grande, mas caso o noitário do novenário faça promessa para a realização do festejo, ele tem que realizar o mesmo, por mais que isso indique que ele terá que cobrir as despesas da noite. Caso quebre a promessa o santo pode castiga-lo, pois segundo Galvão (1954, p. 42) “[...] Acredita-se firmemente que se o povo não cumprir com sua obrigação ao santo, [...] êle abandonará a proteção que dispensa [...]”.

2.2.3 – As novenas

No período da novena, ou seja, semana que antecede o dia da festa (24/06), todos os dias às 07: 00h as portas do oratório são abertas, às 18: 00h é acesso às velas. “A partir do levantamento do mastro rezavam-se ladainhas até a véspera de 24, o dia do santo” (GALVÃO 1954). Antes durante este momento o santo era retirado do oratório. Atualmente por conta da logística isso não acontece mais, pois o cuidador de santo seu Antônio temia que nesse vai e vem a imagem viesse a danificar. Por isso nos dias de hoje durante os novenários o santo fica no andor fora do oratório e só volta para o interior do mesmo no ultimo dia da festa. Durante as novenas após o termino da reza e quando todos os devotos vão para suas residências é que o oratório é fechado mesmo o santo padroeiro estando fora do mesmo.

Conforme Galvão (1954), os responsáveis pelas noites das ladainhas que antecedem o dia da festa são chamados de “mordomos”, nos “dias intermediários o gasto é pequeno,

porque à ladainha, segue-se apenas uma distribuição de café” com bolo, bolachas, pasteis ou algo de preferencia do notário, “e o povo que a assiste é gente do lugar”.

2.2.4 – Dia da festa de São João Batista

Dia 24/06 é um dia muito especial para o dono do santo e para os devotos, pois é o dia da festa do padroeiro e dia que o barracão fica cheio de gente. Esses devotos vem de varias localidades para prestigiar o santo, agradecer pelas graças alcançadas, trazer ex-votos, fazer novas promessas e também para se divertir (TAVARES, 2013).

[...] Há 12 dias, começaram as ladainhas. Aquela era a última noite. A “noite da festa dançante”, [...]. Por isso, todo aquele alvoroço que movimentava a casa. [...] Carma, mulhé, dêxa dé duidici. Inté, parêsqe, tu num tá acostumada cum istu. Túdu anum é a merma cuisa: Tu acha dé fica duida logu nu dia da festa du santu. (RODRIGUES, 2002).

Neste dia os organizadores da festa correm de um lado para o outro verificando se esta tudo em ordem para que ocorra a mesma, há aqueles que correm para a cabeça da ponte para ver se os músicos já chegaram outros que vão para a cozinha verificar se os leilões estão preparados, outros verificam se o som esta funcionando perfeitamente, enfim, neste dia é uma trançadeira de pernas para todo canto que se olha no barracão.

Segundo Galvão (1954) o responsável pelo “dia do santo” é chamado de “juiz da festividade”, “o auge das comemorações, a que acorre muita gente e exige maiores despesas”. Nesta noite assim como na primeira, o sagrado e o profano andam juntos. Entretanto, ocorre primeiramente o ato sagrado, que é a celebração onde o ritual acontece da mesma forma que no primeiro dia citado no subitem 2.2.2. E em seguida o ato profano, com danças, vendas de bebidas alcoólicas e de leilões.

Entretanto, o ato mais esperado neste dia é a derrubada do mastro e da ramada que acontecem entre as 05h30min e as 06h00min da manhã do dia 25/06. Galvão (1954), já relatara como ocorria a derruba do mastro antigamente.

[...] À tarde o mastro era derrubado a golpes de um machado que se preparava para a ocasião, enfeitando-o com fitas coloridas. O machado passava de mão em mão para cada devoto dar o seu golpe. A folhagem de murta que decorava o mastro era recolhida pelos assistentes para uso medicinal. Tendo à frente a folia, os dirigentes da festa e o povo, munidos de remos de vassourinha, invadiam as casas para uma “varrição” simbólica [...] (GALVÃO, 1954, p. 71-72).

Já na festividade de São João Batista, antes o mastro só era retirado uma semana após o término da festa do santo onde seu Antônio reunia os filhos e netos e em um gesto

simbólico o derrubavam¹⁵ acompanhados de foguetes e pistolas, posteriormente guardavam-no próprio barracão para ser usado no próximo ano. Mas, nos dias atuais a derruba do mastro na festa de São João Batista coordenada pelo senhor Antônio ocorre bem diferente da forma que Galvão (1954) relata. A partir do ano de 2017 passou-se a retirar o mastro da estrutura onde ele está fixado (vide figura 16) às 5:30h do dia 25/6 na presença¹⁶ do dono do santo, o povo se reúne na ponte e os filhos e netos de seu Antônio retiram o mastro, em seguida a bandeira é deslocada do varão e o cuidador de santo a segura na entrada do salão (figura 17) esperando a derruba da ramada e a entrada do mastro, como relata Maria Cristina, neta de seu Antônio e responsável pela ornamentação da capela como já mencionado no 2.2.1

Foi abaixado primeiro o mastro tirado à bandeira e o meu avô ficou segurando a bandeira na entrada do barracão e em seguida foi arrancada a ramada. Então entraram com o mastro dançando e logo atrás meu irmão entrou dançando com a bandeira, deram várias voltas na sala e guardaram o mastro. A bandeira ficou por alguns minutos ao lado da capela e em seguida foi guardada e as pessoas continuaram dançando com a ramada. (CARDOSO, M., 25 de jun. 2018).

Enquanto o patriarca segura a bandeira na entrada do salão o locutor começa a chamar o povo para concentração, em seguida é contado de 1 a 3 na ordem decrescente, após a contagem o doador da ramada é o primeiro a puxar a mesma, em seguida os demais começam a pular para tentar alcançar a ramada, acompanhados do ritmo musical arrasta-pé, mas conhecido como músicas juninas. Em algumas comunidades os primeiros a puxar a ramada serão os doadores no próximo ano (RODRIGUES, 2002). Porém na casa do Seu Antônio é diferente, pois os que retiram a ramada não são os mesmo que irão doar no ano seguinte, porque a doação das bandeirinhas é promessa, por isso todo ano é um devoto diferente que compra o enfeite. Vale ressaltar que somente nesse momento profano é que seu Antônio abre a capela para que o padroeiro e os demais santos vejam a derruba da ramada e o belíssimo encerramento da festa que foi realiza em honra São João Batista.

¹⁵ Apenas retiram o mastro do local onde ele está inserido, pois a estrutura é usada nos próximos anos de festejo do santo.

¹⁶ Seu Antônio como já tem uma idade avançada não consegue ficar até o termino da festa, por isso após a ladainha ele vai para sua residência, e próximo ao horário para a derrubada do mastro e retirada da ramada alguém o chama para iniciar o ritual desses símbolos.

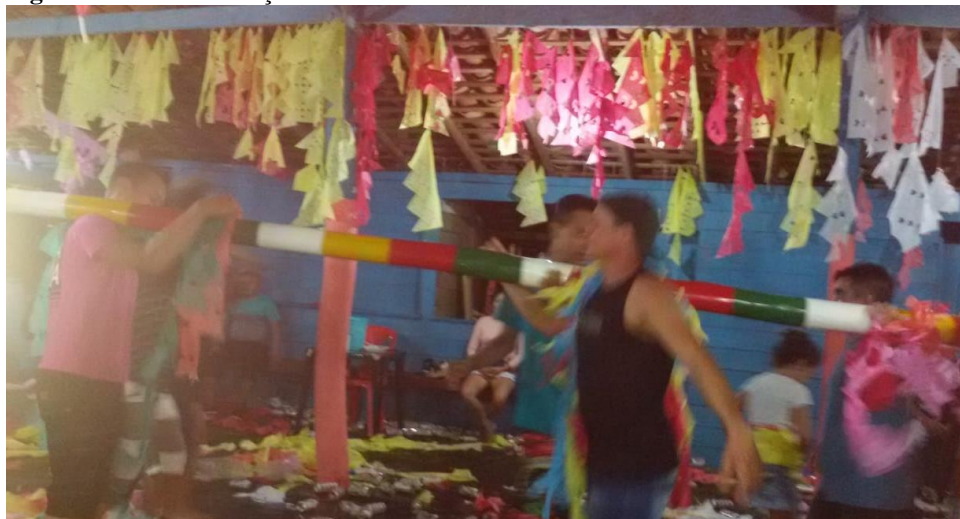
Figura 16 - Retirada do mastro

Fonte: Maria Cristina, 25 de jun. 2018, acervo pessoal.

Figura 17 – Seu Antônio com a bandeira do Santo na entrada do barracão.

Fonte: Maria Cristina, 25 de jun. 2018, acervo pessoal.

Enquanto o povo derruba a ramada o varão fica do lado externo sendo vigiado pelo guarda para que os brincantes não o levem para o salão antes da hora. Após o momento simbólico da retirada das bandeirinhas é que os foliões adentram dançando com o mastro no meio do colorido do salão (figura 18), em seguida um dos netos de seu Antônio adquire a bandeira e começa a dançar com a própria atrás do mastro como já citado anteriormente. Após a dança a bandeira é guardada, já o mastro é colocado em um dos cantos do salão e só é posto em um lugar adequado ao término da festa, ou seja, quando todos os convidados vão para as suas casas ao amanhecer.

Figura 18 - Foliões dançando com a ramada

Fonte: Maria Cristina, 25 de junho de 2018, acervo pessoal.

Vale ressaltar que as despesas da festa como: flores do santo, ornamentação do andor, do oratório, bandeira do mastro, programa do santo, ramada, mastro etc, esses custos são doados todos os anos por devotos que fizeram alguma promessa ao santo padroeiro e foram atendidos. Algumas dessas despesas como, a bandeira do mastro e o programa, são os mesmo devotos que doam todo ano, pois segundo Tavares (2013) as graças a serem pedidas nas promessas e as formas de pagamento são variadas, mas há certa equivalência entre elas: quanto mais difícil à graça, maior será o sacrifício prestado pelo devoto.

Para algumas pessoas que só aparecem no primeiro e no último dia do festejo de São João Batista, a festa dançante pode ser o centro da devoção, mas sabe-se que não é verdade. O festejo é apenas uma forma de agradecimento ao santo protetor pelas graças alcançadas, que só acontece por que há um convívio, um contato e intimidade do devoto com o santo protetor por meio do oratório doméstico.

Seu Antônio também tem conhecimento de outras praticas devocional além da festa do santo como: ladainha capitulada. “[...] ladainha, uma oração repetitiva, em que se alternam invocações e respostas [...]” (Paula, 2011, p.3). Ele faz a segunda voz, por isso ele só reza a própria quando tem um grupo maior que sabe rezar a oração completa. Segundo ele a oração é muito longa, e como o refrão se repete fica mais fácil de gravar.

Consta em **anexo D** a letra da ladainha da qual seu Antônio cantou o refrão no momento da entrevista no dia primeiro de dezembro de 2017. Tirada de seu arquivo pessoal o qual ele guarda com muito zelo.

CAPITULO 3 – O RESTAURO DE SANTOS E SUA IMPORTÂNCIA PARA A CONTINUIDADE DA ARTE DEVOCIONAL EM ORATÓRIOS NAS REGIÕES DAS ILHAS DE ABAETETUBA.

Numa sociedade e cultura onde o cuidado com o santo é muito presente, porque existe uma pratica devocional por meio do oratório, há necessidade daqueles que fazem o restauro desses santos que atualmente é uma profissão muito rara a qual era muito comum no período medieval. O objetivo deste capítulo é mostrar a importância da presença deste profissional para os cuidadores de santos e para os devotos. O mesmo é muito importante porque existe uma cultura de devoção em oratórios e festejos de santo muito grande nesta região que trás a necessidade de pessoas qualificadas nesta arte, pois este artista vai cuidar, pintar, fazer todos os reparos necessários, ou seja, vai trazer a tona todo simbolismo daquela imagem. Isso foi algo que surgiu no decorrer da pesquisa, pois chegou ao meu conhecimento o trabalho do senhor Zeca, que irei falar posteriormente, poderia me deter apenas nos oratórios, mas a

pesquisa me levou para este horizonte também. Entretanto por conta do tempo não foi possível fazer um estudo, mas aprofundado sobre o restauro como algo atrelado ao patrimônio por exemplo.

Para falar sobre a arte da restauração, entrevistei no dia 19/05/2018 o senhor José Maria da Silva conhecido como Zeca, filho do cuidador de santo seu Benedito, conforme consta na introdução deste trabalho, ele é referência nesta arte na região. A entrevista foi realizada sobre o imaginário dos tijolos encontrados na beira da Cidade de Abaetetuba, pois o entrevistado é uma pessoa muito ocupada e quase nunca tem tempo para conversar. Neste dia ele aceitou dialogar comigo no local de seu trabalho, como se observa na figura a baixo.

Figura 19 - Entrevista com o senhor Zeca



Fonte: Nezilu Gonçalves dos Santos, 19 de maio de 2018, acervo pessoal.

Zeca nasceu no dia 18/03/1969 as margens do rio Campompema onde mora até os dias de hoje. Como consta na introdução ele exerce a profissão de restaurador de imagens religiosas e artesão de miriti há vários anos. Além destas atividades ele trabalha durante a semana no horário da manhã na beira da cidade de Abaetetuba vendendo açaí, atividade esta que ele relata ser somente para sobrevivência, ele também é pescador, pintor de casas, barcos, canoas etc.

Entretanto, segundo o entrevistado, dessas atividades a qual ele mais se identifica é com o brinquedo de miriti, nesta profissão e na de restauro ele é autodidata. Zeca é católico e convive com o imaginário popular desde criança, porém diferente de seu pai que é devoto de São Benedito como descrito no capítulo dois, o artesão tem devoção por Nossa Senhora Aparecida para a qual o mesmo possui um oratório em sua casa tendo a santa como protetora de seu lar. Segundo o entrevistado ele conseguiu a imagem a 12 (doze) anos atrás em Belém

por meio de troca (compra), ela é toda trabalha em gesso. Zeca relata que tem a imagem como padroeira por que sempre se identificou com a santa.

O motivo que me levou a entrevista-lo foi que, muitos devotos ainda possuem imagens de santos muito antigos, as quais muitas vezes se encontram em estado deteriorado, devido à importância que a imagem tem para o devoto ele não consegue se desapegar da própria, por isso procura o senhor Zeca, pois conforme Oliveira (2009) “[...] Um dos instrumentos de preservação é a restauração, intervenção que tem por escopo assegurar, de forma eficaz, um produto da atividade humana [...]”. Dessa forma o senhor Zeca pode garantir uma melhor estética, durabilidade da imagem e um lindo sorriso no rosto do (a) dono (a) do santo (a). Segundo o documento Cartas do restauro (2003, p.3) diz que “entende-se geralmente por restauro qualquer actividade desenvolvida para se prolongar a conservação dos meios físicos a que está atribuída à consistência e a transmissão da imagem artística”. Entretanto segundo Filho (2011) antigamente as imagens que não fosse possível restaurar deveriam ser enterradas. Mas, na região das ilhas de Abaetetuba isso não ocorre, pois por mais que as imagens não tenha possibilidade de recuperação de suas partes faltantes o devoto faz questão de mantê-lo em sua dependência, não apenas pela sua importância, mas também pelos milagres alcançados por intermédio do santo. Logo,

O milagre pode ser definido como um momento necessariamente único e irrepetível de interação entre o céu e a terra, entre o divino e o natural, no qual uma intervenção sobrenatural altera e transgride as leis da natureza, fazendo que o não poderia ocorrer, de acordo com estas leis, ocorra. E se o milagre não pode repetido devido ao seu caráter extraordinário, ele pode ser ritualizado, e seus efeitos permanecem inalterados, sendo, eles próprios, dotados de uma força transcendente e milagrosa. (SOUZA, 2013, p.107)

Ainda segundo esse autor “o milagre opera sobre a realidade concreta, e quem o implora está em busca de resultados materiais que a natureza não é capaz de lhe oferecer” “[...] os milagres representam a presença divina na natureza [...]” (SOUZA, 2013). Por isso, os devotos perseveram em manter as imagens por mais afetadas que estejam pelo tempo, pois elas também são representação divina na terra. Logo, “restaurar significa reparar e refazer com formas mais grandiosas baseadas nas exigências do momento”. (CARTAS DO RESTAURO, 2003, p.4). É exatamente isso que o senhor Zeca vem fazendo a 34 (trinta e quatro) anos desde que fez seu primeiro reparo em uma imagem religiosa aos 15 (quinze) anos.

Foi quando sua avó lhe deu uma imagem de São Lázaro toda trabalha em gesso, para retocar suas cores que já estavam deterioradas pelo tempo. Desde então ele nunca mais parou de praticar essa arte. Ele relata que não é sua profissão predileta, mas que tem medo de parar e

os santos o castigarem, além disso, o artesão ainda exerce essa atividade por que tem respeito pelas imagens e não pelo financeiro, pois ele mesmo conta que muitas vezes o valor não recompensa o trabalho, uma vez que alguns, por exemplo, ele passa uma tarde toda para modelar apenas uma mão, levando cerca de 3 (três) dias para deixar a imagem pronta, e quando o dono vem buscar a mesma, o profissional cobra R\$ 15,00. Por isso, ele afirma que faz o trabalho de restauro por respeito às imagens e não pela renda.

Entretanto, Zeca relata que nunca fica sem praticar a arte de restauro, o mesmo conta, que as imagens chegam para ele de acordo com “os feriados religiosos” Souza (2013), por exemplo, “no mês de junho chegam sempre imagens de São João pra mim, a restauração dura de 2 (dois) a 3 (três) ano, mas nunca falha” (SILVA, J., 2018). O tempo de preparo de cada imagem “depende do tamanho e do estado que ela se encontra, mas o máximo é 15 (quinze) dias” (SILVA, J., 2018).

Durante a entrevista, foi perceptivo que suas atividades artesanais estão sempre atrelas a sua devoção aos santos, desde o preparo da matéria até a venda do produto final, pois Zeca sempre se pega com os santos antes de iniciar suas atividades diárias e no período das vendas dos brinquedos de miriti que ocorre principalmente no círio de Nossa Senhora de Nazaré, que segundo Maués (2005) é “considerada a santa padroeira dos paraenses,” “muito poderosa e milagrosa” o círio “se realiza todos os anos no segundo domingo de outubro”, nesta época Zeca se pega com Nossa Senhora de Nazaré pedindo a ela que faça boas vendas durante a festividade. Ele relata que já modelou apenas dois santos de miriti que foi a imagem de Nossa Senhora de Nazaré e Santo Antônio.

Zeca associa “sua iniciação artística” (LOPES, 2014) a um dom que Deus lhe deu, pois ele nunca fez nenhum curso para criar as habilidades que tem hoje com essa pratica devocional e nunca viu ninguém fazendo para que pudesse se inspirar. O artesão, diz ser essa atividade uma arte, uma vez que segundo ele, por que é diferenciada, ou seja, poucas pessoas sabem fazer ou trabalham com ela. Para a qual se faz necessário ter muita habilidade, pois a restauração não é apenas retocar as cores dos santos, e por mais que o fosse, assim como é o caso de algumas imagens, ainda sim tem que ter técnicas para que uma cor não fique sobreposta à outra. Segundo Ferreira (2009, p. 201) define-se arte como a “capacidade que tem o ser humano de pôr em prática uma ideia, valendo-se da faculdade de dominar a matéria”.

Em outros casos o santo não necessita apenas de limpeza em sua veste, mas de algo que esta para, além disso, como: modelagem de uma mão, braço, perna, nariz etc, e neste requisito Zeca é um verdadeiro profissional, pois o mesmo consegue modelar qualquer parte

da imagem, ele é o mestre da arte santeira do município de Abaetetuba. Santeiro são normalmente pessoas que não tem “aprendizado acadêmico”, mas que usam do “imaginário religioso” para esculpir partes de santos ou santos inteiros de madeira. “Esculpir santos era um ofício muito respeitado, e imaginário que se prezava não vendia, apenas trocava os santos entre pessoas que cultuavam a devoção. O santeiro cria a partir do imaginário social em que está inserido, criando um artista” (LOPES, 2014).

O restaurador moderno examina todos os aspectos de uma obra antes de restaurá-la. Esse exame envolve identificação da obra, proprietário, procedência, dimensões, alguns aspectos técnicos, e, especialmente, as características do estado de conservação e as causas das deteriorações ou de alterações apresentadas. (COELHO, s/a, p.1).

Segundo Amorim (s/a, p.1) “[...] No Piauí, os mestres da arte santeira apresentam a habilidade em talhar todos os tipos de imagens em madeira e a delicadeza em manter a simplicidade nas peças que expressam uma visão de mundo”. Zeca relata que as partes das imagens de gesso são mais fáceis de modelar, “eu preencho o espaço danificado e depois de seco eu vou só fazendo os recortes”, diferente das “de madeira que tem que fazer fora e depois só colar no lugar” (SILVA, J., 2018), onde ele utiliza de um material típico da região chamado popularmente pelos ribeirinhos de peterebazeiro (taperebá), para a modelagem das partes da imagem de madeira ele usa os nós que dar nesta árvore, pois segundo o entrevistado é um material bastante maleável. Além dessa matéria prima existem dois tipos de madeira que segundo o Caderno de Conservação e Restauo de Obras de Arte Popular Brasileira (2008, p. 37) são muito utilizadas por serem “menos sensíveis à ação de cupins, como o ipê e o cedro”.

Atualmente Zeca é um dos mais conhecidos nas Ilhas de Abaetetuba que realiza esse trabalho que envolve arte, imaginário, devoção, amor e técnica. Ele recebe imagens de todas as comunidades da cidade. Segundo o entrevistado poucas são as pessoas que trabalham com restauração no município como já dito anteriormente. Para Brandi (2004), citado por Scolari (s/d), “o papel do conservador-restaurador é primordial para garantir a integridade física da obra usando metodologias específicas para cada caso, sempre preservando a instância estética histórica da obra”.

Neste contexto, Zeca utiliza de diferentes técnicas para diferentes imagens, como ele mesmo relata:

“Se for de gesso normalmente é mais rápido eu raspo toda a pintura, depois eu lixo então eu procuro verificar qual foi à primeira pintura que a imagem estava para eu poder voltar à cor original dela se possível, a imagem de gesso frequentemente não fica uma pintura grosseira, são imagens mais recentes, já as imagens de madeira demoram de uma a duas semanas, porque são imagens muito antigas as quais geralmente o povo usa para fazer novenas, reza da antiguidade, folia etc. O material que eu uso é a tinta acrílica que não tem brilho ela dá o ar de mais naturalidade a

imagem. Quando o povo pede eu utilizo a tinta óleo que é a tinta que brilha” (SILVA, J., 2018).

Segundo o Caderno de Conservação e Restauro de Obras de Arte Popular Brasileira (2008) no que se referem esses dois tipos de tintas citado a cima.

A primeira opção de tinta são aquelas que podem ser diluídas em meio aquoso, como a aquarela, o acrílico ou outros tipos de pigmento. Isso permite que se consiga o efeito visual desejado, com a possibilidade de fazer alterações posteriores, caso haja necessidade, que não comprometam a peça, tal como pode ocorrer com a aplicação de tinta a óleo, cuja remoção é feita freqüentemente com o solvente de petróleo, que é mais agressivo. Além disso, o óleo demora mais tempo a se estabilizar na peça e sua secagem, feita sempre ao natural, pode demorar meses para terminar completamente, dadas as várias camadas de pintura. Já o acrílico tem uma secagem quase imediata. (2008, p. 29)

Além desses dois tipos de tintas Zeca utiliza-se de outros materiais como: cola instantânea, lixa, pincéis, gesso, madeira etc. Para o trabalho com restauro também é importante à organização com o uso corretos de cada ferramenta “no caso dos pincéis, por exemplo, a ampla variedade de tamanhos e usos, além dos diferentes processos de lavagem, demanda uma separação criteriosa, com etiquetas ou por cores” Caderno de Conservação e Restauro de Obras de Arte Popular Brasileira (2008, p. 31).

Quando ele pega peças de gesso e de resina dificilmente tem outra pintura por baixo, diferente da imagem de madeira que normalmente já existe uma pintura antiga. “Às vezes o santo já foi pintado uma, duas até três vezes em cima da mesma pintura, por isso a imagem às vezes muda de cor, pois cada restaurador tem uma forma de trabalhar”. (SILVA, J., 2018).

Zeca não restaura imagens para fora do município de Abaetetuba, ou seja, seu trabalho é apenas municipal. Entretanto segundo ele a única imagem que já restaurou para fora, foi do Município de Tailândia, “mas o rapaz trouxe a imagem, era a imagem de Cristo, ela veio completa na cruz, isso foi no ano de 2012, a imagem estava faltando alguns pedaços, mas eu consegui fazer o serviço” (SILVA, J., 2018).

Conforme o Caderno de Conservação e Restauro de Obras de Arte Popular Brasileira (2008, p. 27) “as soluções para cada peça precisam ser estudadas caso a caso. Há situações em que a degradação de determinado material implica a contaminação de outros materiais que compõem uma mesma obra” como, por exemplo, um prego enferrujado que pode comprometer outras partes da imagem.

Logo, segundo Serck (1989) citado por Scolari (s/a, p.732), “só se reconstitui uma parte faltante se esta estiver prejudicando o equilíbrio da composição e se tiver referências do original também”. Por exemplo, segundo o Caderno de Conservação e Restauro de Obras de Arte Popular Brasileira (2008, p. 28) “[...] uma perna da qual nada se sabe não deve ser

reconstruída, assim como uma cor que se desgastou e da qual nada se sabe não deve ser repintada”. Contudo, “[...] Para que seja uma operação legítima, a restauração não deve reverter à degradação natural das obras, retirando-lhe os traços decorrentes da passagem do tempo, nem abolir sua história [...]” (OLIVEIRA, 2009, p.77).

Quando a imagem esta pronta ele a embala do mesmo jeito e no mesmo material que veio, para entregar ao devoto, mas quando a imagem não vem protegida de mais danos por algum tipo de abrigo, “se a imagem for pequena eu enrolo-a em um tecido e guardo-a em uma sacola, mas se for grande coloco numa caixa de papelão” (SILVA, J., 2018), onde tem todo um aparato que a protege de possíveis danos, como isopor, por exemplo, após a mesma ser embala ele a entrega ao devoto. “Uma caixa de papelão pode ser uma opção, desde que ela tenha uma boa sustentação e que seja feito um isolamento entre as obras” Caderno de Conservação e Restauro de Obras de Arte Popular Brasileira (2008, p. 31).

Ainda segundo este documento, “Para o manuseio das peças, devem ser usadas luvas cirúrgicas ou antiderrapantes e, em casos que exigem precisão, pode-se optar pelo contato direto mediante a higienização das mãos, já que o uso de luvas pode dificultar a sensação de tato com as obras” (2008, p.31).

O trabalho do senhor Zeca e a devoção dos católicos pelas imagens “é o maior combustível para que a arte [...] nunca desapareça” (MORIM, s/d, p.2), no município de Abaetetuba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, ao trabalhar esses três capítulos, chegamos à conclusão de que os oratórios domésticos na comunidade do rio Campompema é uma tradição integrante nas famílias dos entrevistados, os quais tem muita importância por conta da imagem do santo que está ligada ao imaginário religioso. Foi perceptível a questão no que se refere imagem e imaginário estão estritamente presente no cotidiano não somente das pessoas que possuem oratórios em sua residência, mas de todas as sociedades como, por exemplo, na vida dos pescadores. Apesar do número de oratórios existentes nas ilhas de Abaetetuba ser menor do que outrora, percebe-se que ainda há todo um cuidado, respeito e devoção com os existentes, ainda se tem toda uma preocupação em preservar e manter esta tradição que perpassa de geração a geração. As pessoas resistem em manter essa cultura, pois em muitas famílias essa tradição já persiste por muitos anos. Os santos fazem parte da família do devoto mediante os quais a família e a comunidade já receberam muitas graças. É importante fazer o reconhecimento dessas atividades em função de que a escola não trabalha esses conceitos

Por meio da pesquisa de campo e dos estudos bibliográficos podemos perceber a importância das imagens religiosas na vida dos devotos e da comunidade. Essas famílias não pretendem deixar de exercer sua devoção pelos santos por meio dos oratórios, pelo contrário pretendem dar continuidade a sua cultura repassando a tradição de geração para geração, pois atualmente já não existem tantos oratórios como em outrora e para que essa tradição não se perca ficando somente na memória como estar ocorrendo com a tradição de “tira reis” “[...] evento cultural em que, com o auxílio da música e do canto, os seus participantes revivem passagens das "escrituras" que narram o nascimento de Cristo [...]” (PAULA, 2011, p.8), é necessário sim que esse conhecimento seja perpassando de geração para geração para que dessa forma o oratório devocional perdure por muitos e muitos anos nas margens ribeirinhas de Abaetetuba.

O cuidado com os santos motivam uma arte devocional, pois em todas as famílias entrevistadas há sempre um cantinho na casa dedicado ao contato com o sagrado. Porém esse cantinho não é feito de qualquer jeito, a toda uma preocupação com a estética, onde os oratórios são projetados com muito cuidado, alguns apresentam inúmeros detalhes outros tem o formato até mesmo de capela com portas e cruz no alto da mesma. No interior do oratório podemos encontrar os santos com inúmeras fitas coloridas em volta de seu corpo, o oratório também é decorado com inúmeras flores, algumas artificiais outras artesanais feitas de papéis comuns encontrados nas livrarias como: papel crepom, papel celofane etc. oferecendo assim uma qualidade estética pela importância do sagrado na vida do devoto.

Vale ressaltar que com o passar do tempo às imagens também vão perdendo sua estética, e para isso faz-se necessário o trabalho do restaurador que tem a missão de recuperar a originalidade da mesma, o qual trabalha com a arte de reformar, pois para tanto é necessário todo um processo e técnicas, que começa desde identificação da peça até a modelagem de alguma parte danificada da obra. O devoto deposita toda sua confiança e esperança no profissional para que ele faça um excelente trabalho, entregando a peça ao cuidador (a) de santo (a) com as mesmas características de quando foi adquirida/o, fazendo assim com que o devoto continue com sua devoção ao sagrado por meio dos oratórios. Este trabalho entrou em um campo de pesquisa que ainda tem muito a ser estudado, como o porquê das cores das flores do santo e de toda uma forma de organizar o oratório, embeleza-lo, localiza-lo e dispor dele nas orações, ladainhas e novenas. Espero que este seja apenas o início daquilo que a arte devocional em oratórios expressa dentro da nossa cultura popular. Portanto a própria arte do restauro é uma arte que poderia ser usada na escola do campo como algo que tem necessidade que as novas gerações aprendam para dar continuidade no processo da arte devocional.

ANEXO A – imagens de santo Antônio protetor da casa de minha avó.

Figura 1, 2, 3 e 4 - Imagens de Santo Antônio.



Fonte: Nezilu Santos, 27 de maio de 2018, acervo pessoal.

ANEXO B – Termo de cessão de imagem

TERMO DE CESSÃO DE ENTREVISTA

Pelo presente documento, eu
Entrevistado(a): BENEDITO LUCIO DA SILVA

RG: 2475191 emitido pelo(a): _____

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

RIO CAMPO-DUTRA - ABAETETUBA - PARÁ.
CEP. 68440-000

Declaro ceder ao (à) Pesquisador(a):

Nezilu Gonçalves dos Santos

CPF: 003.547.972-80 RG: 5383617 emitido pelo(a): _____

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

5ª Rua do Campo, Bairro: Arraçoá, 1780

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao (à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de ABAETETUBA, Estado PARÁ, em 01/12/2018 como subsídio à construção de artigo para o projeto de pesquisa – Arte Devocional em Oratórios nas Ilhas e Ramais da Cidade de Abaetetuba, pela Universidade Federal do Pará, no Campus de Abaetetuba, O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Local e Data:

Abaetetuba, 01 de dezembro de 2018

Benedito Lucio da Silva
(assinatura do entrevistado/a)

TERMO DE CESSÃO DE ENTREVISTA

Pelo Manuel dos Santos Aguedo Filho presente documento, eu
 Entrevistado(a): Manuel dos Santos Aguedo Filho
 RG: _____ emitido pelo(a): _____

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):
Rio Campompema - Feltas de Abaetetuba - PA

Declaro ceder ao (à) Pesquisador(a):
Nezileu Gonçalves dos Santos
 CPF: 003.547.972 80 RG: 5383617 emitido pelo(a): _____

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):
5ª Rua do Campo Baixo: Aviação, 1780

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao (à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Abaetetuba, Estado Pará, em 07/05/2018 como subsídio à construção de artigo final e relatórios relacionados ao Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em educação do campo no âmbito da FADECAM/ Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo- Universidade Federal do Pará- Campus de Abaetetuba, O (a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Local e Data:

Abaetetuba, 07 de maio de 2018

Manuel dos Santos Aguedo Filho
 (assinatura do entrevistado/a)

TERMO DE CESSÃO DE IMAGEM

Pelo Antônio dos Santos presente documento eu
 Entrevistado(a) Antônio dos Santos
 RG: 3133397 emitido pelo(a) _____

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº/complemento/Cidade/Estado/CEP):
Rua Campompema - Ilhas de Abaetetuba-PA

Declaro ceder ao (à) Pesquisador(a):
Nezila Gonçalves dos Santos
 CPF: 003.547.972-80 RG: 5383687 emitido pelo(a) _____

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº/complemento/Cidade/Estado/CEP):
5ª Rua do Campo - Bairro: Anacari, 1780

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais das imagens de caráter histórico e cultural ao(a) pesquisador(a)/entrevistador(a) fotógrafo (a) aqui referido(a), na cidade de Abaetetuba, Estado Para, em 03/12/2017 como subsídio à construção de artigo final e relatórios relacionados ao trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Educação do Campo realizado no âmbito da FADECAM/ Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo- Universidade Federal do Pará- Campus de Abaetetuba, O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, as mencionadas imagens fotográficas, editada ou não, bem como permitir a terceiros o acesso as mesmas para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Local e Data:

Abaetetuba, 03 de dezembro de 2017

Antônio dos Santos
 (assinatura do entrevistado/a)

TERMO DE CESSÃO DE ENTREVISTA

Pelo presente documento, eu
 Entrevistado(a): Maria Cristina dos Santos Cardoso
 RG: 5395484 emitido pelo(a) _____

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº/complemento/Cidade/Estado/CEP):
Rua Campompema - Ficus de Abaetetuba, PA

Declaro ceder ao (à) Pesquisador(a):
Nezili Gonçalves dos Santos
 CPF: 003.547.972-80 RG: 5383617 emitido pelo(a) _____

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº/complemento/Cidade/Estado/CEP):
5ª rua do campo Ficus: Ficus 1780

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao (à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Abaetetuba, Estado Pará, em 01/12/2017 como subsídio à construção de artigo final e relatórios relacionados ao Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em educação do campo no âmbito da FADECAM/ Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo- Universidade Federal do Pará- Campus de Abaetetuba, O (a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Local e Data:

Abaetetuba, 01 de dezembro de 2017

Maria Cristina dos Santos Cardoso
 (assinatura do entrevistado/a)

TERMO DE CESSÃO DE IMAGEM

Pelo presente documento, eu
 Entrevistado(a): José Maria da Silva

RG: _____ emitido pelo(a): _____

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):
Rua Campoprema - Ilhas de Abaetetuba - PA

Declaro ceder ao (à) Pesquisador(a):
Nezili Gonçalves dos Santos
 CPF: 03.547.972-80 RG: 5383617 emitido pelo(a): _____

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):
5ª Rua do Campo / Bairro: Araçá, 1780

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais das imagens de caráter histórico e cultural ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) fotógrafo (a) aqui referido(a), na cidade de Abaetetuba, Estado Pará, em 19/05/2018 como subsídio à construção de artigo final e relatórios relacionados ao trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Educação do Campo realizado no âmbito da FADECAM/ Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo- Universidade Federal do Pará- Campus de **Abaetetuba**, O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, as mencionadas imagens fotográficas, editada ou não, bem como permitir a terceiros o acesso as mesmas para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Local e Data:

Abaetetuba, 19 de maio de 2018

José Maria da Silva
 (assinatura do entrevistado/a)

ANEXO C – Questionário usado com os dois donos de santo e com o restaurador de imagens religiosas.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA/ BAIXO TOCANTINS
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO

ARTE DEVOCIONAL EM ORATÓRIOS NAS ILHAS E RAMAIS DA CIDADE DE ABAETETUBA-PA.

IMAGEM, ARTE, ÉTICA E SOCIEDADE NA AMAZONIA TOCANTINA

Objetivo da pesquisa: investigar se os oratórios do catolicismo popular presentes na Amazônia Tocantina, expressam experiências de fé (formas de religiosidade) singularizadas pela cultura, e, por meio disto, reconhecer objetos, cores, orações, sons, natureza, gestos, encontros, imagens de resistências pela devoção a Santos, um lugar para o sagrado no cotidiano, geralmente encontradas nas casas dos moradores das margens ribeirinhas, portanto, são objetos de devoção e fé nas ilhas da cidade de Abaetetuba .

QUESTIONÁRIO (Dono (a) de santo (a))

Data: ___/___/201___

Nome: _____

Localidade: _____

DN: _____ Sexo: _____ Estado civil: _____

Profissão: _____

1) Porque você tem um oratório

- a) Foi ensinado pelos familiares a cuidar de oratórios
- b) Aprendeu vendo outras pessoas em outros lugares
- c) Teve alguma experiência de fé que o levou a ter interesse
- d) Opinião/comentário: _____

2) Há uma imagem particular de Santo que você credita devoção? (a) Sim (b) Não

a) Qual o santo (a)? _____

b) Como adquiriu a mesma? _____

3) Na sua comunidade (ou outras) você identifica pessoas com as mesma práticas de devoção?

(a) Sim (b) Não

c) Qual tipo de devoção: _____

4) Você considera “bonito” este espaço dedicado às orações?

(a) Sim (b) Não

c) Porque/Comentário: _____

5) O oratório é ornamentado (estética)? (a) Sim (b) Não

c) Quais materiais são usados? _____

d) Quem é responsável por esse serviço? _____

6) Há quanto tempo você se dedica a este tipo de devoção aos Santos em oratórios?

7) Como recebeu ou de quem recebeu/construiu o oratório?

8) Você tem conhecimento de outras práticas devocionais como: Ladainhas, Novenas, festas de santos, autos e outras que porventura ocorram na comunidade?

Descreva: _____

9) Seu nome tem alguma relação com algum santo?

(a) Sim (b) Não

c) Qual? _____

d) Por quê? _____

10) A família realiza festejo de algum santo? _____ Qual? _____

11) Onde realiza o festejo? _____

12) Qual o mês? _____

13) Quantas noites? _____

14) Como é organizado? _____

15) Qual a cor das flores do santo? _____

16) Por que da escolha dessa cor? _____

17) Onde e por quem é feito a ornamentação do mesmo? _____

18) No festejo do santo (a) tem mastro e ramada? (a) Sim (b) Não

19) Como é organizado? _____

20) Como é sua vivencia/relação com o oratório durante a o dia/semana?

21) Quando você faz algum pedido ao padroeiro(a) o que você imagina?

Anotações: _____



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA/ BAIXO TOCANTINS
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO

**ARTE DEVOCIONAL EM ORATÓRIOS NAS ILHAS E RAMAIS DA CIDADE DE
ABAETETUBA-PA.**

IMAGEM, ARTE, ÉTICA E SOCIEDADE NA AMAZONIA TOCANTINA

Objetivo da pesquisa: investigar se os oratórios do catolicismo popular presentes na Amazônia Tocantina, expressam experiências de fé (formas de religiosidade) singularizadas pela cultura, e, por meio disto, reconhecer objetos, cores, orações, sons, natureza, gestos, encontros, imagens de resistências pela devoção a Santos, um lugar para o sagrado no cotidiano, geralmente encontradas nas casas dos moradores das margens ribeirinhas, portanto, são objetos de devoção e fé nas ilhas da cidade de Abaetetuba .

Data: ____/____/201__

QUESTIONÁRIO (RESTAURADOR)

Nome: _____

Localidade: _____

DN: _____ Sexo: _____ Estado civil: _____

Profissão: _____

- 1) Onde nasceu e onde vive atualmente?
- 2) Que tipo de atividades desenvolve pra sobreviver?
- 3) Destas atividades qual mais se identifica?
- 4) Tem algum tipo de religião, devoção ou crença?
- 5) Possui oratórios em sua casa, porque?
- 6) Até que ponto suas atividades artesanais estão atreladas a sua devoção.
- 7) O que significa pra você a restauração de um Santo?
- 8) Que tipo de habilidades deve ter o artesão sobre está arte? Você considera como arte?
- 9) Como ocorre o uso das cores e o próprio respeito ao santo?

- 10) Como ou com quem você aprendeu a fazer restauração de santos?
- 11) Quanto tempo você exerce essa atividade?
- 12) Você considera essa atividade importante? (sim) (não)
- a) Por quê? _____
- 13) Você se considera um artista? (sim) (não)
- a) Por quê? _____
- 14) De onde vem as imagens para você restaurar?
- 15) Como essas imagens chegam até você?
- 16) Que tipo de informação as pessoas tiveram/tem sobre o seu trabalho?
- 17) Quais materiais você usa?
- 18) Quanto tempo demora para as imagens ficarem prontas?
- 19) Quais os valores estimados?
- 20) O que o motiva a continuar com essa atividade?
- 21) Como a imagem é enviada para o dono?
- 22) Na sua opinião como os donos recebem a imagem encarnada?
- 23) Você gosta do que faz? (sim) (não)
- Por quê?: _____
- 24) Com qual material você mais gosta de trabalhar ?
- Por quê? _____
- 25) Qual material tem mais dificuldade? Por quê? _____
- 26) Você já fez algum serviço para fora do município? (sim) (não)
- Qual município? _____
- Qual foi a imagem? _____
- Quando foi feito? _____
- Comente: _____
- 27) Na sua opinião qual a importância do seu trabalho para o município e para a população?

**ANEXO D – Ladainha que era cantada antigamente no festejo de São João
Batista.**

DEM
VEM ESPIRITO SANTO
VEM-DEM ILUMINAR
(BIS)

NOSSOS CAMINHOS VEM ILUMINAR

NOSSAS VIDA VEM ILUMINAR

< NOSSAS IDIAS VEM ILUMINAR

< NOSSAS INSETEZAS VEM
ILUMINAR

< NOSSAS ANGSTIAS VEM
ILUMINAR

< NOSSAS FAMILIA VEM ILUMINAR

< TODA IGREJA VEM ILUMINAR

TODA TERRA VEM ILUMINAR.

SANTA MARIA
 SANTA DENGELITRI
 SANTA VIRGON VIRGON ORAI
 PRO NOBRE

R. MATAREM GRISTE ORAI PRO NOBRES

MATER DIVINTE EM GRATTE
 MATER PURISSIMA
 MATER CARISSIMA ORAI PRO
 NOBRES

R. MATER INVIOLETA

MATER INTERMERADA
 MATER AMABELIS
 MATER ADMIRABELIS ORAI PRO
 NOBRES

R. MATER ENCRIATORIO

MATER SALVATORIO
 VIRGEM PRODESTISSIMA
 VIRGEM VENERADA ORAI PRO
 NOBRES

R. O VIRGEM PERDICANDA

O VIRGON POTE
 O VIRGEM CHEME
 VIRGEM FIDELIS ORAI PRO
 NOBRES

R. ESPERCO NA JUSTIÇA ORAI PRO NOBRES

SEDES SAPIENTE
 CONSOLAI A ESTRELA TRISTIE
 VAZO ESPIRITUALIS ORAI
 PRO NOBRES

R. VAZO ONORABILIS

VAZO ENSIGNO DEVOSIONE
 O ROSA MISTICA
 TORRE DA VIRGICA ORAI PRO
 NOBRES

R. TORRE DE BORNES

DOMES NO ARIES
 FIDERIS ARCA
 JOANA SELES ORAI PRO NOBRES

R. ESTRELA MATOTINA ORAI PRO
 NOBRES

SALOS INFERMORIO
 REFUGIO PERCATORIO
 CONSATRE OS AFRITORIO

ja mo
 anelas

R. REGINA POSTOLORIO ORAI PRO
 NOBRES

REGINA MASTIRUM
 REGINA CONFESORIO
 REGINA PROFETORIA ORAI PRO
 NOBRES

R. ANXILIO CRISTILORIO

REGINA ANGELORIO
 REGINA PATRIATORIO
 REGINA VIRGINO. ORAI PRO
 NOBRES

R. REGINA SANTA ROANE ORAI PRO
 NOBRES.

REGINA ~~SANTA~~ SEMILAGIE
 SEMILAGIE SI CONSEPITA
 SACRATISSIMI ROZARIO ORAI
 PRO NOBRES

R. REGINA PAGIES

ANEXO E – Algumas fotos registradas no dia 13/06/2018 no início da festividade de São João Batistas, mas não inseridas no corpo deste trabalho.







Figura 1, 2, 3, 4, 5 e 6 – imagens registradas no Círio de São João Batista, acervo pessoal.

Fonte: Antonio Grazianne, 13 de jun. de 2018.

REFEREÊNCIAS

Caderno de Conservação e Restauo de Obras de Arte Popular Brasileira /Museu Casa do Pontal. Rio de Janeiro: Associação dos Amigos da Arte Popular Brasileira; Brasília: UNESCO, 2008.

CASTRO, Janio Roque Barros de. **As festas religiosas em louvor a são João batista na bahia: práticas devocionais e elementos míticos na interface sagrado / profano**. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 28 a 30 de maio de 2008. Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2002.

COELHO, Beatriz Ramos de Vasconcelos. **Imagens Religiosas em Minas Gerais**. Atas do IV Congresso Internacional do Barroco Íbero-Americano.

Conceito de almanaque. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/almanaque/>>. Acesso em 24 de abril de 2017.

Conceito de cromos. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=cromos>>. Acesso em 24 de abril de 2017.

Conceito de pedra d'ara. Disponível em: <<https://www.amandala.com.br/PEDRA-DARA/prod-3498238/>>. Acesso em: 23 out, 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. - 4. ed. - Curitiba : Ed. Positivo; 2009.

FILHO, Attilio Colnago. **Ambivalências do sagrado: o percurso dos objetos entre a devoção e a coleção** / Attilio Colnago Filho. – 2011.

Fundamentação teórica do restauro. **Cartas do restauro**. Traduzido do original em italiano, em <<http://maxpages.com/achille32>>, por António de Borja Araújo, eng.º civil, IST 15 de Março de 2003.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens**, São Paulo, [s.n.], 1954.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. © 1995, Revista de Administração de Empresas / EAESP / FGV, São Paulo, Brasil, v. 35, n. 2, p. 57-63.

JURKEVICS, Vera Irene. **Festas religiosas: a materialidade da fé. História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 43, p. 73-86, 2005.

LAPLANTINE, François e TRINDADE, Liana Sálvia. **O que é imaginário. São Paulo Braziliense, 2003**. – (coleção primeiros passos; 309).

LOPES, Katuscy da Rocha. **Arte Santeira do Piauí: entalhando imaginários** / Katuscy da Rocha Lopes – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014. MAUÉS, M. Multicores rabetas. Revista PZZ, Belém, p. 18-29 Edição 22/2016.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião**. Estudos Avançados 19 (53), 2005

MORIM, Júlia. **Arte Santeira**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 01 de jun. 2018.

OLIVEIRA, Raquel Diniz. **Teoria e pratica da restauração. Patrimônio: Lazer & Turismo**, v. 6, n. 7, jul.-ago.-set./2009, p.75-91.

Oratórios de Minas / Instituto Arte na Escola; autoria de Lucimar Bello Pereira Frange; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006.

PAULA, Andréa Cristina de. **Elementos simbólicos que remetem à bíblia na canção “calix bento” interpretada por pena branca e xavantinho**. 2011

RADOMSKY, Guilherme e SCHNEIDER, Sergio. **NAS TEIAS DA ECONOMIA: o papel das redes sociais e da reciprocidade nos processos locais de desenvolvimento**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 22.n. 2, p. 249-284, maio/ago. 2007.

Revista PZZ. MAUÉS, p. 18-29. **Multicores rabetas**. Belém, Edição 22/2016.

RODRIGUES, Neuza. **O Artesão de Sonhos**. In Contistas da Amazônia: IX Concurso de contos da Região Norte. Belém: Editora Universitária, 2002.

RUSSO, Silveli Maria de Toledo R969e. **Espaço doméstico, devoção e arte: a construção histórica do acervo de oratórios brasileiros, século XVIII e XIX** / Silveli Maria de Toledo Russo. -- São Paulo, 2010 2 v.: il.

SANTOS, Viviane da Silva. **Santo de casa faz milagre: desenho e representação dos oratórios populares domésticos em Feira de Santana** / Viviane da Silva Santos. – Feira de Santana, 2014.

SCOLARI, Keli Cristina. **São Manuel: Conservação – restauração de uma escultura em madeira dourada e policromada**. Anais do IV SIMP: Memória, patrimônio e tradição, s/d.

SOUZA, João Carlos de. **O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX**. Rev. Bras. Hist. vol.24 no. 48 São Paulo 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000200014>. Acesso em: 05 de dez. 2017.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular** / Ricardo Luiz de Souza. – Natal: FRN, 2013. 160p.

TAVARES, Thiago Rodrigues. **A religião vivida: expressões populares de religiosidade**. Sacrilegens, Juiz de Fora, v. 10, n.2, p. 35-47, jul-dez/2013 - T. Tavares. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2014/07/10-2-4.pdf>>. Acesso em: 05 de dez. 2017.

WERNET, A. **A Igreja paulista no século XIX: a reforma de D. Antonio Joaquim de Melo (1851-1861)**. São Paulo: Ática, 1987.